

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

Mariana Silva Campos de Almeida

**UMA ANÁLISE DE *DEBAIXO DAS RODAS*
DE HERMANN HESSE:
OS ACRÉSCIMOS PELO TRADUTOR**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução: Teoria, Crítica e História da Tradução, sob orientação do professor doutor Werner Heidermann

Florianópolis
2011

**Uma Análise de *Debaixo das Rodas* de Hermann Hesse:
os acréscimos pelo tradutor**

Esta Dissertação foi julgada adequada
para obtenção do Título de “Mestre,
na área de Teoria, Crítica e História da Tradução,
e aprovada em sua forma final
pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 01 de abril de 2011.

Prof., Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof., Dr. Werner Heidermann,
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Claudia Dornbusch,
Universidade de São Paulo

Prof.^a. Dr.^a. Rosvitha Friesen Blume,
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Markus J. Weininger,
suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho a meu pai, que com carinho segurou a minha mão de criança e me ensinou a sonhar e a ter fé em encontrar meu próprio Norte.

Em minha trilha, retribuindo seu carinho, lhe escrevi uma carta e traduzi um poema de Hesse. As palavras, minhas e do poeta, ele emoldurou. Nossos caminhos não se cruzam mais; resta-me sua lembrança e o cajado que me esculpiu antes de partir.

Passo a passo, sol a sol, sua presença me abre os olhos e o peito. Pouco interessa aonde vou, aprendo a cada respiro. Longe de minha terra, do lado de cá da ponte, partilho de novas ideias e jovens saudades.

As palavras aqui tecem mais um motivo de meu tapete, onde muitas almas se encontram.

RESUMO

Esta pesquisa compara a tradução brasileira “Debaixo das Rodas” (1971) com o original *Unterm Rad* (1906) de Hermann Hesse a partir dos acréscimos aos diálogos e trechos narrativos pelo tradutor Álvaro Cabral. Com base na prototipologia textual proposta por Snell-Hornby (1995), na qual a análise da tradução é feita de maneira interdisciplinar, a recepção do projeto literário de Hesse em relação ao romance escolar *Unterm Rad* na Alemanha como em outros países onde foi mais lido (PFEIFER, 1977; VAHLBUSCH, 2009) auxilia a configuração do contexto da tradução brasileira. Na interface entre a Literatura Comparada e os Estudos da Tradução, o percurso de uma obra literária do cânone a partir de sua cultura fonte e sua passagem por outras culturas alvo exemplifica a discussão sobre a compreensão do texto fonte pelo tradutor (REISS, 2000). Da mesma forma, na análise dos aspectos extralinguísticos e funcionais dos textos fonte e alvo, podem se ilustrar tendências e estratégias tradutórias que se desenvolveram e vem sendo estudadas nos últimos 40 anos em Teorias e Estudos da Tradução.

PALAVRAS-CHAVE: análise textual, prototipologia textual, aspectos extralinguísticos, recepção literária, abordagem integrada da tradução, literatura comparada

ABSTRACT

This research compares the Brazilian translation *Debaixo das Rodas* (1971) with its original *Unterm Rad* (1906) by Hermann Hesse, taking into consideration the additions made by the translator Álvaro Cabral to the dialogues and narrative passages. Based on the textual prototypology proposed by Snell-Hornby (1995), in which the analysis of translation is interdisciplinary, the reception of Hesse's literary project regarding his school romance in Germany, as well as in other countries where it was most read (PFEIFER, 1977; VAHLBUSCH, 2009), helps setting the context of the Brazilian translation. At the interface between Comparative Literature and Translation Studies, the history of the canons' literary work from its source culture and its passage through other target cultures illustrates the discussion on the understanding of the source text by the translator (REISS, 2000). Likewise, translation strategies can be explained by the analysis of the functional and extralinguistic aspects of the source and target texts in the development of Translation Studies in the last 40 years.

KEYWORDS: source-text analysis, prototypology, extralinguistic aspects, literary reception, integrated approach, comparative literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	09
1.2 OBJETIVOS	13
1.3 JUSTIFICATIVAS	14
1.4 METODOLOGIA	17
2 ASPECTOS DA ANÁLISE TEXTUAL DENTRO DOS ESTUDOS EM TRADUÇÃO	20
2.1 A COMPREENSÃO DO TEXTO PELO TRADUTOR.....	25
3 ASPECTOS BIOGRÁFICOS E O PROJETO LITERÁRIO DO AUTOR	30
3.1 O ROMANCE <i>UNTERM RAD</i>	32
3.2 O GÊNERO TEXTUAL	33
3.2.1 Co-textos	37
3.2.1.1 “Debaixo das Rodas” e a “Montanha Russa”.....	38
4 RECEPÇÃO E TRADUÇÕES	40
4.1 “DEBAIXO DAS RODAS”.....	45
5 PROJETO TRADUTÓRIO	50
5.1 PROJETO EDITORIAL	51
5.1.2 Título	53
5.2 ACRÉSCIMOS AOS DIÁLOGOS E TRECHOS NARRATIVOS.....	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79

REFERÊNCIAS 84

1 Introdução

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Mas, bem sucedido ou não, o livro contém, sim, um pedaço de vida vivida e sofrida de verdade, e tal uma semente viva, às vezes tem a sorte de vingar mais uma vez, depois de muito tempo, em novas circunstâncias completamente diferentes e irradiar um pouco de suas energias.
(HESSE apud PFEIFER, 1977)¹

Este trabalho analisa a tradução brasileira de *Unterm Rad*, de Hermann Hesse, ao investigar os acréscimos do tradutor Álvaro Cabral em relação ao percurso do original alemão, de 1904, até a confecção de *Debaixo das Rodas*, em 1971. Através do panorama de recepção do autor do cânone internacional e desse seu romance em particular, buscaram-se pistas para a reconstrução do projeto dessa tradução e suas motivações para chegar ao leitor brasileiro nos “anos de chumbo”.

Unterm Rad é um dos primeiros romances do renomado autor alemão, prêmio *Nobel* de Literatura em 1946. Publicado originalmente no jornal suíço *Neue Zürcher Zeitung* e no periódico literário *Kunstwart* em 1904 (ZELLER, 2005), esse romance escolar critica a instituição educacional e religiosa dos internatos ao narrar a passagem do jovem Hans Giebenrath pelo seminário luterano de *Maulbronn*. Hesse reconstrói, em forma de ficção, as lembranças e conflitos vivenciados aos seus 13 anos, quando descobriu sua vocação para escritor (HESSE, 1992). Em 1906, o texto é revisado por Hesse para sua publicação pela editora alemã *Fischer* – o tom sarcástico e desafiador do narrador contra o sistema educacional alemão imperial é amenizado pela primeira vez (ZELLER, 2005; VAHLBUSCH, 2009). Na contracapa do original, repete-se, ainda hoje, a apresentação feita pelo crítico Arthur Schloesser (HESSE, 2007) por época da primeira edição: “O romance inclui o que seria um manual de instruções de como os pais, tutores e professores

¹ Todas as traduções de citações foram feitas pela autora desta dissertação.

“Aber, ob geglückt oder nicht, das Buch enthielt doch ein Stück wirklich erlebten und erlittenen Lebens, und solch ein lebendiger Kern vermag zuweilen nach erstaunlich langer Zeit und unter völlig anderen, neuen Umständen wieder wirksam zu werden und etwas von seinen Energien ausstrahlen.“ (HESSE apud PFEIFER, 1977, p.22)

podem arruinar, da forma mais oportuna, um jovem e talentoso ser humano”².

Em 1951, Hesse alterou seu texto novamente para a publicação de sua obra completa pela editora alemã *Suhrkamp*, atual detentora de seus direitos autorais (ZELLER, 2005; VAHLBUSCH, 2009). Dessa última versão de *Unterm Rad*, parte sua primeira e – ao que tudo indica – única tradução para o português brasileiro por Álvaro Cabral, uma das principais vozes de Hesse no Brasil. Na contracapa de sua primeira edição pela antiga editora *Civilização Brasileira, Debaiixo das Rodas* (1971) é apresentado como:

o romance em que Hermann Hesse questiona de modo candente e apaixonado o sistema educacional germânico da sua juventude e formação. Mas nesta obra pungente e comovedora Hermann Hesse retrata também os anseios e tumultos da adolescência, cujo mundo está balizado pelos mistérios da vida, as seduções do sexo, a revelação da mulher e a confusão dos sentimentos.

Nesse ínterim de quase setenta anos, a obra foi lida e relida, resenhada e criticada em suas três versões em alemão e, a partir delas, em suas traduções mundo afora. Isso, na visão de Lefevère (1997), significa que *Unterm Rad* foi reescrita por seus críticos, tradutores e eventualmente retomada na inspiração de outros escritores. A curiosidade acerca das histórias envolvendo esse romance, ou suas reescrituras, despertou a questão sobre quais aspectos, dentre todos esses diálogos sobre *Unterm Rad*, poderiam ter sido considerados pelo tradutor brasileiro e influenciado o projeto tradutório para *Debaiixo das Rodas*.

A interpretação do tom crítico de *Unterm Rad*, que polarizou algumas das discussões sobre Hesse e sua obra, é o ponto de partida para compreender o modo e o efeito de sua tradução para o português brasileiro. As vozes do narrador e dos personagens que, tanto causam mal-estar à crítica literária como encantam leitores há mais de um século em todo o mundo (VAHLBUSCH, 2009), são analisadas aqui, em sua versão brasileira da década de 70, na busca pelos determinantes culturais

² “Der Roman enthält ungefähr eine Anleitung für Eltern, Vormünder und Lehrer, wie man einen begabten jungen Menschen am zweckmässigsten zugrunde richtet.” (HESSE, 2007)

e tendências tradutórias que embasaram a releitura de Cabral e sua reescritura.

Uma releitura de *Unterm Rad*, apresentada pelo pesquisador americano Jefford Vahlbusch (2009), enriquece o foco literário da obra a partir do original, em suas diferentes versões. Através do material sobre a origem desse romance e da correspondência de Hesse, os expoentes da crítica literária “hesseana”, desde seu *boom* do final da década de 60, são revisados, procurando restabelecer os valores literários de *Unterm Rad* e evidenciar seus principais estereótipos.

Vahlbusch (2009) discute o trecho mais polêmico de *Unterm Rad* – presente no início do quinto capítulo - em suas três versões. O narrador parece ignorar os fatos apresentados ao longo da narrativa, exprimindo-se de modo “tendencioso”, não se abstendo de sua opinião, mesmo que suas acusações contrariem a história que acaba de contar:

O narrador – a quem são atribuídas, em todo o lugar, a voz e a autoridade de Hesse sem que haja análise ou argumento – clama dramaticamente, testemunhando que o pai e os professores de Hans cometeram crimes horríveis contra ele, levando-o, portanto, ao colapso psicológico e talvez até mesmo à morte. [...] Mas o romance não apresenta nem relata em lugar algum esses crimes, nem mesmo descreve utilitariamente ou analisa criticamente as pedagogias alegadamente repressivas (ou mesmo antiquadas) da época. (VAHLBUSCH, 2009, p.35)³

Vahlbusch (2009, p.41) também atenta para a tendência a se subestimar o orgulho e a ambição na construção do caráter do protagonista Hans:

³ “The narrator – who is everywhere assumed, without analysis or argument, to speak with Hesse’s voice and authority – claims dramatically and quotably that Hans’s father and teachers have perpetrated horrible acts against him and thus caused his psychological breakdown and perhaps even his death. [...] But the novel nowhere shows or reports such acts, nor does it usefully describe or critically analyze the allegedly repressive (or even outmoded) pedagogies of the day.” (VAHLBUSCH, 2009, p.35).

que se conjugam no centro de seu caráter, em sua necessidade profunda de se tornar alguém diferente do que ele é de verdade⁴.

Os pensamentos de superioridade do rapaz sobre seus colegas são narrados de modo testemunhal e descritivo, esclarecendo que o rapaz não é mera vítima das circunstâncias.

Como apareceria no texto de chegada brasileiro esse posicionamento ambíguo do narrador – ora cúmplice, ora onipresente e que confunde a realização de fatos com sua opinião – ao serem construídos diálogos ou acrescentadas vozes a partir da narrativa do original? Há o enfraquecimento do argumento da destruição de Hans acontecer por sua incapacidade em assumir corajosamente seu próprio destino em prol de seu papel de vítima da sociedade e suas instituições?

Conforme Vahlbusch (2009, p.35):

[d]e dentro de sua concha brilhantemente polêmica, *Unterm Rad* tem, portanto, um centro vazio amplamente ignorado, esperando para ser preenchido – certamente pelos próprios leitores, com suas memórias e ressentimentos dolorosos em torno da escola, mas também com as esperanças retrospectivas dos especialistas em Hesse por um romance hesseano socialmente crítico e repensado.⁵

Dessa maneira, *Unterm Rad* torna-se duas vezes uma obra aberta: em sua gênese e “correção” pelo autor e na resposta de seus leitores. Nesse ponto, torna-se pertinente a colocação do escritor alemão Ingo Schulze⁶, em uma entrevista à emissora *Deutsche Welle*, sobre a função do tradutor literário, que gostaria de enfatizar neste trabalho: “Na verdade, cada livro deveria primeiro ser traduzido e só depois ser publicado. Assim todos os erros seriam corrigidos.”

Agora que fomos apresentados ao tema - a tradução de um livro que envolve mais de um século de história - e sabemos do tradutor em

⁴ “Hans’s ambition and arrogance are bound up together in the center of his character, in his deep need to become someone different than he is” (VAHLBUSCH, 2009, p. 41).

⁵ “Within its glittering polemical shell, therefore, *Unterm Rad* has a largely unnoticed empty center waiting to be filled – with readers’ own painful school centered memories and resentments, certainly, but also with Hesse scholars’ retrospective hopes for a socially critical, reform-minded Hesse novel” (VAHLBUSCH, 2009, p.35).

⁶ Disponível em português em <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4239624,00.html>>.

seu papel de grande leitor e co-autor dos livros que lemos, seguem os objetivos dessa análise de *Debaixo das Rodas*.

1.2 OBJETIVOS

Nesta pesquisa, analisam-se trechos de *Debaixo das Rodas* comparativamente a seu texto de partida *Unterm Rad*. Com isso, foram percebidas intervenções explícitas do tradutor, referentes a alguns dos diálogos entre os personagens principais e às vozes do narrador, assim como ao seu título e ao projeto editorial. A releitura e revisão da crítica literária sobre *Unterm Rad* por Vahlbusch (2009) servem de base à verificação da hipótese de que o projeto da tradução brasileira teria sido influenciado pela interpretação literária legitimada internacionalmente até a década de 70.

A configuração de *Unterm Rad* dentro do projeto literário de Hesse, através de sua recepção tanto pela crítica como por suas traduções, refaz o percurso do romance desde a Alemanha até o Brasil. O que pode ser identificado como contribuição dessa leitura no texto do tradutor? Procuram-se exemplos em *Debaixo das Rodas* de como a crítica literária e a tradução interagem e se apropriam uma da outra, no caso de obras consagradas internacionalmente.

Tratando-se de análise de tradução dentro de uma perspectiva de sua recepção, investiga-se como a leitura do tradutor serve de matéria-prima para um novo texto. Portanto, verificam-se também as estratégias tradutórias utilizadas e seu efeito no texto de chegada. Que pistas das discussões em Estudos da Tradução (ET) podem ser encontradas nesse projeto? Discutem-se, em seguida, as responsabilidades do tradutor frente ao projeto tradutório, com base em um artigo de Reiß (2000), para um posicionamento diante da versão já existente em português.

A partir dos fundamentos para uma Crítica tradutória de Reiß (1986) e sua complementação dentro da Abordagem Integrada de Snell-Hornby (1995), levantam-se os aspectos do texto selecionado que possam indicar suas características funcionais para o leitor brasileiro da década de 70. Mais especificamente, qual seria a função dessa tradução proposta por um dos principais grupos editoriais do Brasil na década de 70, notadamente engajado politicamente? Em linhas gerais, quais as contribuições de *Debaixo das Rodas* para a Tradução Literária no Brasil?

Este trabalho de análise de tradução busca colaborar tanto com o estudo do percurso histórico da tradução literária no Brasil, destacando o trabalho de Álvaro Cabral, como contribuir para a intersecção dos ET com a Literatura Comparada (LC), a partir das implicações do gênero textual de uma obra canônica do séc. XX e sua contraposição com a crítica literária acerca do original e da tradução.

Depois de quase quatro décadas da tradução *Debaixo das Rodas*, novas estratégias e ferramentas estão à disposição do tradutor, na prática de seu ofício, no encontro com seu leitor. Isto faz com que esta pesquisa também possa eventualmente auxiliar a revisão e a atualização de *Debaixo das Rodas*.

No próximo item, apresentam-se as motivações pessoais e investigatórias para o delineamento dos objetivos acima.

1.3 JUSTIFICATIVAS

O interesse pela obra de Hesse despertou, primeiramente em alemão, por seu *Lesebuch*, uma seleção com prosa curta e poesias, numa edição comemorativa, por volta do trigésimo aniversário da morte do autor. A necessidade de partilhar essa vivência literária demandou várias vezes o exercício tradutório informal. Ao experimentar o exercício da tradução para uma das disciplinas do mestrado, escolhi o poema *Vergänglichkeit*, originalmente publicado no volume *Wanderung* (1920) – no Brasil, *Caminhada* (1978), traduzido por Ildikó Maria Jávör, com ilustrações feitas pelo próprio autor.

Na análise dos versos para a elaboração do projeto de tradução, percebi a importância da relação entre texto, projeto literário, biografia, contexto histórico e recepção literária do autor, para a compreensão do objeto a ser traduzido. *Unterm Rad* foi lido nesse momento, por curiosidade, devido a seus vários aspectos reverberantes no projeto literário de Hesse. Com o acesso à tradução brasileira, já em sua primeira leitura, os acréscimos pelo tradutor inspiraram as ideias para esta dissertação.

O contato com as discussões literárias comparativistas, principalmente aquelas que incluem o microcosmo do texto original como em Apter (2006), despertou minha atenção para a possível relação entre a recepção literária de *Unterm Rad* e os acréscimos em *Debaixo das Rodas*. As intertextualidades poderiam revelar exemplos sobre o papel da tradução no intercâmbio intra e intercultural, servindo à

marcação dos pontos de contato das transferências literárias e à própria gênese textual, cunhadas em bases ideológicas.

Pfeifer (1977) já destacava “que, sempre que se trata da complexidade de uma obra de arte, deve-se incluir tanto a biografia (do autor) como a recepção (de sua obra)”⁷. Tanto os dados sobre a recepção internacional como a forma na qual Pfeifer os apresenta em sua coletânea subentendem o papel essencial das traduções para a literatura. Esse dado merece atenção no caso da obra hesseana, pois as traduções emprestaram a força do original, influenciando outras traduções e até mesmo a releitura na volta ao país de origem, como se pode conferir no quarto capítulo deste trabalho, sobre a recepção e as traduções de *Unterm Rad*.

De acordo com o artigo de Koester (1973), sobre a controvérsia em torno da figura literária de Hesse, faz-se sempre necessária uma reformulação da crítica, muito além da “santidade ou banalidade benigna” do autor. Assim, ao se aprofundar os estudos sobre sua obra e repercussão, possam talvez os críticos vê-lo e reconhecê-lo como um autor representativo do século XX, que influenciou leitores desse tempo de revoluções sociais e de costumes, principalmente após sua configuração pós-industrial.

Na década de 70, quando da primeira edição de *Debaixo das Rodas*, a crítica literária brasileira nos artigos consultados restringe sua importância à sua inspiração autobiográfica. Entretanto, nessa primeira fase de Hesse também se observa o embrião dos principais temas que serão desenvolvidos no projeto literário do autor, entre eles: o homem em crise frente às instituições, em busca de seu próprio caminho.

Pela seleção de Souza (2007) de artigos de cadernos culturais em jornais e revistas semanais de grande circulação a respeito de *Debaixo das Rodas*, pode-se observar a repetição do discurso da crítica internacional, que enfatiza o protesto contra o sistema educacional e parece obedecer à sua conjuntura sócio-histórica. Todavia, em nenhum desses momentos é abordada a questão da tradução, seja aquela da obra literária ou da sua crítica. Não faltam exemplos, nos quais as questões culturais envolvidas na tradução – raramente textuais, quase sempre inconclusas – são ignoradas, reduzindo a problemática da literatura traduzida a seus aspectos linguísticos.⁸

⁷ “Wo immer es um die Komplexität eines Kunstwerks geht, gehören sowohl Biographie als auch Rezeption dazu” (PFEIFER, 1977, p.13).

⁸ O leitor Ronaldo Navarro mantém em seu site www.ronaldonavarro.de uma crítica sobre traduções de Hesse para o português, incluindo *Debaixo das Rodas*. Conhecedor de alemão e

A leitura dessa crítica literária jornalística demonstra a necessidade de embasamento da crítica tradutória e da crítica literária de traduções em uma análise mais cuidadosa do original e sua tradução, considerando seus componentes textuais e extratextuais. Pois, segundo Reiß (2000) e Snell-Hornby (1995), o leigo pode tomar a leitura da tradução de um autor estrangeiro da mesma forma que a de seu original. Porém, nesta pesquisa, em relação aos profissionais envolvidos com literatura traduzida, há a expectativa de uma postura esclarecida, principalmente frente às tendências tradutórias e aos ET.

Nessas discussões, como aponta Reiß (2000), a expectativa em relação ao tradutor é a de que ele atue como representante do autor do original – enquanto, na verdade, ele é um receptor entre outros que, a despeito de todo o cuidado, só pode deduzir a intenção do autor e, assim, compreender o texto a partir de suas próprias experiências e conhecimento prévio.

Entender a recepção pelo tradutor literário complementa os focos de estudo, que segundo Snell-Hornby (1995), têm predominado nos ET – ou seja, a análise descritiva a partir do original, assim como a discussão sobre a função da tradução. *Unterm Rad* é um texto de expressão artística e valor literário canonizado. A apreciação de suas características como obra aberta dá espaço a inúmeras possibilidades de leitura e reverbalização em projetos tradutórios.

A compreensão do texto do ponto de vista do tradutor pode servir também à conscientização dos profissionais envolvidos com a tradução literária sobre as teorias subjetivas em Tradução propostas por Christiane Nord (2001) em *Loyalty revisited*. Para Nord, quando o tradutor se sensibiliza da variedade de teorias subjetivas possíveis e de sua especificidade cultural, aprende a buscar mais conscientemente o efeito comunicativo do texto-meta desejado para seu público alvo.

Essa postura do tradutor literário – e por que não de outros profissionais envolvidos em seu trabalho – colabora com o estabelecimento dos limites subjetivos da crítica tradutória (REISS, 1986), relacionados ao processo hermenêutico do texto de partida e à

apreciador da obra de Hesse, Navarro faz suas sugestões, sem compromissos científicos. Algumas de suas observações coincidem com a primeira leitura comparativa que motivou esta pesquisa, porém não se aprofundam nem se baseiam nos Estudos Literários ou da Tradução. Apesar da verificação de “invenções do tradutor” em vários trechos ao longo do texto, a tradução é considerada “válida”. Navarro explicita, por meio de exemplos, o apego às palavras em detrimento do conjunto textual na análise crítica da tradução, sem conseguir justificar seu empreendimento na discussão sobre as escolhas tradutórias.

estrutura de personalidade de seu tradutor-autor. Esse fato reforça a necessidade de se perscrutar o material-fonte e suas possibilidades tradutórias antes de qualquer tentativa de transposição de um *corpus* linguístico em outro idioma.

Finalizando a introdução desta dissertação, esclarecem-se abaixo o procedimento da pesquisa e a forma de sua exposição.

1.4 METODOLOGIA

Esta pesquisa se orientou pelas proposições de Snell-Hornby (1995), em sua abordagem integrada dos ET, em que o estudo do texto como um todo e de seus determinantes se faz imprescindível no processo tradutório. Desse modo, os acréscimos pelo tradutor Álvaro Cabral em *Debaixo das Rodas* podem ser analisados além do apego às palavras e da submissão aos estudos linguísticos tradicionais.

Ao considerar a abordagem integrada, com base no princípio da *Gestalt* – no qual “o todo é mais que a simples soma de suas partes, e uma análise das partes não pode oferecer uma compreensão do todo”⁹ (SNELL-HORNBY, 1995, p. 28) – observa-se a influência dos aspectos históricos e culturais na recepção e reconstrução textuais de *Unterm Rad*.

As questões tradutórias no segundo capítulo – referentes à compreensão e análise textuais por meio da prototipologia textual proposta por Snell-Hornby (1995) – são tratadas de modo interdisciplinar e obedecem à cronologia do desenvolvimento das Teorias e ET por volta do aparecimento de *Debaixo das Rodas*.¹⁰ Desse modo, a compreensão do original e sua reprodução possível pelo tradutor são consideradas através das tendências tradutórias e dentro do contexto de recepção da época de sua reescritura para o leitor brasileiro.

Menezes (2007), ao falar do “personagem que se fez autor”, destaca a obra de Hesse como “um registro precioso desse esforço individual de se fazer inteiro e ser fiel ao próprio caminho” (MENEZES, 2007, p.7). Algumas linhas adiante, Menezes comenta o mesmo sobre “o esforço de um esteta introvertido de se voltar para o exterior e interferir nos acontecimentos de seu tempo” (MENEZES, 2007, p.7). Como a

⁹ “the whole is more than the mere sum of its parts, and an analysis of the parts cannot provide an understanding of the whole” (SNELL-HORNBY, 1995, p. 28)

¹⁰ Dado que parte da formação do tradutor Álvaro Cabral aconteceu em Heidelberg (DITRA, 14/10/2010), pode-se cogitar seu contato com a escola funcionalista alemã, da qual a teórica e pesquisadora Katharina Reiß foi uma das precursoras.

reconhecida fonte de inspiração para *Unterm Rad* é autobiográfica, levantaram-se os fatos que serviram à narrativa como também aqueles do período em que o autor se ocupou de sua criação.

A exposição de alguns dados biográficos considerados dos mais pertinentes para a problemática aqui apontada abre o terceiro capítulo, no qual o enredo de *Unterm Rad* também é apresentado em linhas gerais. Seguem-se os apontamentos sobre seu gênero textual e suas relações com o universo literário, algumas já consagradas e outras percebidas por mim.

Baseado na primeira crise pessoal de Hesse, *Unterm Rad* relembra sua escolha vocacional. Entretanto é em sua repercussão no cenário literário alemão e internacional que se constrói o caráter de *Einzelgänger* em seu estilo de fazer Literatura.

Procurar por si mesmo num mundo em que todos se alienam em ideologias e movimentos de massa, leva Hesse a outras crises pessoais que recrudescem ainda mais seu posicionamento político pacifista. Entre exílios e prêmios, percebe-se *Unterm Rad* ecoando como manifesto solitário na voz de um ginásial japonês em 1953: “Eu estava, como Hans Giebenrath, num estado de alma confuso [...] Foi indescritível a enorme alegria que senti quando encontrei a sua figura adolescente naquele romance”¹¹ (PFEIFER, 1977, p. 21).

Mesmo que Hesse se justifique por suas críticas ao sistema educacional alemão de sua adolescência e as atenuar, esse romance vive à parte de suas intenções e lembranças. À revisão da crítica, na Alemanha, nos Estados Unidos e no Brasil, são acrescidos dados concretos sobre a recepção internacional de *Unterm Rad* – apontando os países com mais traduções, as datas de suas publicações e seus principais tradutores.

O quarto capítulo busca, dessa maneira, a compreensão do projeto literário de Hesse em seu papel paradoxalmente subversivo e canônico, conforme o momento histórico e político em que emerge. A apresentação desse quadro se inspira na recomendação do comparatista italiano Moretti (2001) que considera o sacrifício da realidade literária através da *distant reading* necessário à sua abstração e à consequente compreensão do sistema literário como um todo.

O contexto histórico-político da tradução brasileira serve, no quinto capítulo, à investigação sobre o perfil da editora carioca

¹¹ “Ich war wie Hans Giebenrath in einem verwirrten Seelenzustand [...] Es war nicht zu beschreiben, wie groß meine Freude war, als ich Ihre junge Gestalt in jenem Roman fand” (PFEIFER, 1977, p. 21).

Civilização Brasileira e sobre sua proposta para *Debaixo das Rodas*. As questões culturais contrastantes e coincidentes entre a experiência no seminário pietista de Maulbronn e a efervescente Rio de Janeiro de quase um século depois são levantadas tanto na comparação dos diálogos e trechos narrativos dos textos de partida e de chegada como na escolha do título brasileiro.

Para a composição do *corpus* desta pesquisa, foram transcritas passagens da última versão de *Unterm Rad* (1951) e de *Debaixo das Rodas* envolvendo os pensamentos e falas do protagonista Hans Giebenrath e alguns comentários do narrador, com os acréscimos na tradução destacados. Consideram-se as modificações feitas pelo próprio Hesse no tom crítico do narrador, a construção do protagonista e suas relações familiares, acadêmicas e de amizade, além da inspiração para o título. Essa seleção serve de exemplo para a revisão do valor literário de *Unterm Rad* proposta por Vahlbusch (2009) ao questionar o caráter puramente alegórico e autobiográfico do romance, legitimado pela crítica internacional.

Na análise do *corpus* (no capítulo 5), verifica-se, a partir das alterações feitas pelo projeto tradutório, a influência dos estereótipos da crítica literária em torno do romance na construção de *Debaixo das Rodas*. Investiga-se qual a intenção desse projeto tradutório em comunicar o que é da expressão literária de Hesse para o leitor brasileiro ao observar se os recursos utilizados em seu cumprimento são de caráter comunicativo (funcionalista). Buscam-se a partir de alguns exemplos os possíveis determinantes das escolhas tradutórias quanto aos seus aspectos culturais, históricos e literários ao aproximar o universo de *Unterm Rad* da realidade de seu leitor.

No capítulo que segue, expõem-se os aportes teóricos relativos aos ET, mais precisamente sobre a Crítica e parte da História da Tradução, que sustentam os procedimentos desta pesquisa e a consideração de seus resultados, no sexto capítulo.

2 ASPECTOS DA ANÁLISE TEXTUAL DENTRO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Este capítulo trata do embasamento teórico para a discussão em torno de alguns aspectos da análise do texto de *Unterm Rad* relacionados à interface entre recepção literária e tradução, considerados neste estudo sobre o projeto tradutório de *Debaixo das Rodas*.

A partir da década de 70, com o desenvolvimento da Linguística textual, os ET considerariam definitivamente o que já havia sido observado na prática tradutória: a análise textual do original pelo tradutor é imprescindível para o reconhecimento das funções textuais a serem observadas no processo tradutório (STOLZE, 2001). No caso da tradução literária, o texto fonte teria primariamente a função expressiva de dimensão artística. Sua forma deveria ser preservada na tradução a fim de revelar, na língua alvo, a identidade literária do autor.

O modelo metodológico pioneiro proposto por Reiß sobre os potenciais e limites da Crítica da Tradução¹² caracteriza-se pelo desenvolvimento da análise do texto original, ou texto de partida, conforme seu tipo textual. A crítica dos fenômenos tradutológicos não dispensa a comparação da tradução – ou texto de chegada – com seu texto de partida e se submete aos parâmetros textuais desse último (REISS, 1986). Desse modo, cada tradução é uma entre todas as possibilidades que seu original e seus leitores no tempo e no espaço possam oferecer.

O modelo de análise de Crítica da Tradução é descritivo, explicitando-se as decisões tradutórias e replicando-se os fenômenos estudados. A definição da tipologia textual e a análise das instruções intralinguísticas e dos determinantes extralinguísticos dos textos de partida e de chegada, conforme seu gênero textual, auxiliam o desenvolvimento de outras definições textuais e metodologias de tradução existentes (REISS, 1986).

De acordo com a categoria literária desse modelo de Crítica da Tradução, o romance aqui estudado é um texto com base na forma, seu conteúdo serve à estética artística e criativa. Por isso, a descrição de como foi escrito prevalece tanto em sua análise como no projeto de tradução. As instruções intralinguísticas de *Unterm Rad*, observando o contexto do leitor brasileiro dos anos 70 e sua apreciação do gênero romance-escolar, configuram a categoria linguística da crítica tradutória.

¹²*Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik* é o título original do livro de Reiß (1986), com 1ª edição de 1971.

As instruções fono-estilísticas e semânticas – referentes à equivalência, gráfica e/ou de entonação – como as gramaticais – relacionadas à correção, dos pontos de vista estilístico e linguístico – devem ser analisadas e traduzidas analogamente ao texto de partida, a fim de garantir seu efeito estético.

Considerando o tom crítico atribuído à *Unterm Rad*, deve-se observar também a análise do texto com base no apelo, em que o conteúdo e a forma servem para provocar o leitor. Nesse caso, o(s) efeito(s) extralinguístico(s) de ação e reação, propostos no texto de partida, devem ser preservados no texto de chegada.

Os determinantes extralinguísticos proporcionam a realização dos textos de partida e de chegada, configurando a categoria pragmática da crítica tradutória. Esses podem ser:

- estritamente situacionais – transportando-nos para o mundo vivo do texto de partida – influenciando o léxico, a gramática e o estilo dos textos de partida e de chegada;

- relacionados ao objeto da obra original, refletidos no léxico do texto de chegada;

- temporais e locais – condicionados a uma época e a culturas específicas – pedindo notas de rodapé, caso a palavra do texto de partida ou a criação de uma nova palavra não baste como equivalente;

- relacionados ao receptor do texto de partida e à atmosfera estrangeira;

- dependentes da individualidade do autor, do tradutor que faz o autor e do que é traduzido;

- além das implicações afetivas – como humor ou ironia, desprezo ou sarcasmo, excitação ou ênfase – observadas principalmente no léxico e no estilo, mas também na gramática.

Todavia, no exercício do ofício de tradutor, Reiß (1986) também observa o ideal como intraduzível e reconhece exceções ao seu modelo: o projeto tradutório pode se sobrepor às categorias literária, linguística e pragmática de crítica tradutória. O texto de partida pode ser

transposto para outra língua, com base em uma proposta nova, porém objetiva, por parte da encomenda e/ou do tradutor.

Os limites objetivos da crítica tradutória configuram sua categoria funcional e se impõem quando há uma função especial do texto de chegada, com mudança formal em obras literárias artísticas por sua popularização ou adaptação por motivos morais, religiosos, ideológicos e/ou comerciais.

Os limites subjetivos da crítica tradutória configuram sua categoria pessoal, considerando todo texto de chegada uma possível interpretação do texto de partida, variando de acordo com a tipologia textual e seus gêneros e a estrutura da personalidade do tradutor.

A determinação do gênero textual e a análise de *Unterm Rad* dentro da crítica tradutória de Reiß permitiram chegar à questão da recepção da obra literária pelo tradutor. Na comparação do texto de chegada com o texto de partida, observando suas instruções intralinguísticas e seus determinantes extralinguísticos, encontraram-se dados que sugerem a existência de um projeto tradutório para *Debaixo das Rodas* de função comunicativa, baseado em uma possibilidade de interpretação do conteúdo da obra, como se pode observar no capítulo 5 desta dissertação.

Para descrever com mais detalhes os aspectos da tradução que não cabem nos limites da crítica tradutória de Reiß (1986), observou-se, num segundo momento, a prototipologia textual de Snell-Hornby (1995). Por se tratar de um quadro multidisciplinar, que busca abarcar os aspectos cruciais da tradução sem limitações estanques, serve de complemento e extensão ao modelo da teoria clássica de categorização da tipologia textual.

Snell-Hornby (1995) apresenta o quadro da prototipologia textual para uma análise de caráter mais dinâmico, em sua abordagem integrada dos ET, aprofundando as questões funcionais da tradução. Trata-se de um espectro de transição gradual que apresenta critérios relevantes para a tradução relativos à realidade extralinguística, ao processo tradutório, às questões linguísticas e aos aspectos fonológicos, que devem ser mais ou menos observados, conforme cada tipo básico de texto dentro das áreas convencionais da tradução (literária, linguística geral e específica). A tradução literária se encontra em uma das extremidades desse contínuo, com seus tipos básicos de texto – partindo dos textos clássicos e sagrados, passando pelas adaptações para teatro e cinema, a poesia lírica, a literatura infanto-juvenil, chegando à literatura

moderna e de entretenimento. Suas unidades são descritas dentro de um modelo estratificado que parte do nível macro para o microtextual.

De acordo com esse quadro, para a tradução de *Unterm Rad*, são considerados os critérios dentro da Literatura Moderna. Na análise *top-down* – ou seja, do desenvolvimento dos aspectos textuais através de seus elementos mais superficiais aos mais intrínsecos – examinam-se a história cultural e dos estudos literários, assim como os estudos sócio-culturais, relacionados à realidade extralinguística. Para o processo tradutório com foco no texto fonte é necessário compreender o texto “como um todo multidimensional complexo e, ao mesmo tempo, em sua relação com o contexto cultural” (SNELL-HORNBY, 1995, p. 33-34)¹³.

Snell-Hornby (1995) adota, para a questão cultural na tradução, o ponto de vista da Teoria do Escopo de Vermeer e Reiß de 1984, em que a tradução é uma ação complexa, na qual alguém informa sobre um texto sob novas condições funcionais, culturais e linguísticas em uma nova situação, procurando manter tanto quanto possível suas características originais. Nesse caso, o elemento funcional – ou comunicativo – do texto predomina sobre o status do original. O tradutor é o instrumento para a realização do novo texto, precisando movimentar-se entre duas ou mais culturas.

Em relação ao status do texto fonte, Snell-Hornby (1995, p. 112) atenta que:

um texto literário não existe no vácuo [...] ele tem sua própria relação situacional com a realidade. O que é criado por um lado através da dinâmica do ato individual da leitura [...] e por outro lado pela virtude da obra literária artística ser absorvida pelo patrimônio cultural em que se insere.¹⁴

A independência do cânone e sua eterna recriação por seus leitores fazem do texto literário uma obra aberta, todavia influenciada pela relação criada entre esse texto e seu leitor, condicionada por determinantes socioculturais. Em um sistema cultural em contínua transformação, segundo Snell-Hornby (1995), há a necessidade contínua

¹³ “as a complex multidimensional whole and at the same time in its relationship to the cultural background” (SNELL-HORNBY, 1995, p. 33-34).

¹⁴ “a literary text doesn’t exist in a vacuum [...] it has its own situational relationship to reality. This is created on the one hand through the dynamics of the individual act of reading [...] and on the other by virtue of the literary work of art being absorbed into its cultural heritage” (SNELL-HORNBY, 1995, p. 112).

de novas traduções literárias, como de esclarecimentos sobre a função do texto alvo na cultura estrangeira, na qual lhe é atribuído o status de original.

A partir desses dados, Snell-Hornby (1995, p. 114-115) avalia duas hipóteses referentes à tradução de textos “literários”:

- 1) “quanto mais ‘literário’ um texto (não importando se o original ou a tradução), mais a ‘situação’ e a ‘função’ dependerão da ativação pelo leitor”¹⁵
- 2) “quanto mais ‘literária’ a tradução, maior é o status do texto fonte como obra de arte mediada pela linguagem”¹⁶

Na análise dos diálogos para esta pesquisa, procuram-se pistas do percurso de *Unterm Rad* sobre sua situação e função a serem ativadas pelo leitor brasileiro, resultando na verificação do valor literário de *Debaixo das Rodas* em relação ao status de seu texto fonte.

Para a reconstrução do texto, Snell-Hornby (1995) propõe os conceitos de dimensão (interior) e perspectiva (exterior ao texto) como desenvolvimento das instruções intralinguísticas e os determinantes extralinguísticos de Reiß, que seriam menos dinâmicos. No caso de textos literários, a “tradução envolve a recriação de dimensões linguísticas e resulta numa mudança de perspectiva no texto alvo”¹⁷ (SNELL-HORNBY, 1995, p.33-34).

A dimensão se refere aos aspectos internos da língua como a orientação linguística realizada pelo léxico e pelas instruções estilísticas e estruturas sintáticas. Ela pode se tornar um problema de tradução, segundo Snell-Hornby (1995), quando a expressão linguística é multidimensional, como no caso de metáforas e jogo de palavras (vide seção 5.1.2).

Na tradução literária, as dimensões são funcionais, envolvendo invariavelmente o texto, o leitor e o projeto tradutório. A coerência intratextual se realiza na interação funcional entre o universo do texto e seu leitor, conforme a intenção do tradutor e/ou editor em perpetuar uma

¹⁵ “the more ‘literary’ a text (whether original or translation), the more both ‘situation’ and ‘function’ depend on reader activation” (SNELL-HORNBY, 1995, p. 114-115)

¹⁶ “the more ‘literary’ a translation, the higher is the status of the source text as a work of art using the medium of language” (SNELL-HORNBY, 1995, p. 114-115)

¹⁷ “translation involves recreating language dimensions and results in a shift of perspective in the target text” (SNELL-HORNBY, 1995, p.33-34)

obra de arte para leitores de uma determinada época, em uma dada língua e cultura (SNELL-HORNBY, 1995).

A perspectiva foca a relação do texto com seus fatores exteriores, sociais e culturais, considerando o ponto de vista do autor, do narrador ou do leitor em relação ao meio ambiente, à atitude, ao tempo e ao espaço. Nesse caso, para Snell-Hornby (1995), o conhecimento pressuposto para o leitor do texto fonte afeta mais a recepção do texto alvo do que a distância cultural envolvida no processo tradutório.

Considerando o tradutor como mediador entre as culturas alemã e brasileira, num íterim de quase um século de repercussão de uma das obras mais polêmicas de Hesse, a avaliação da mudança de perspectiva em *Debaixo das Rodas* (vide seção 5.1.2) abre espaço para refletir sobre a compreensão do texto pelo tradutor na próxima seção.

2.1 A COMPREENSÃO DO TEXTO PELO TRADUTOR

A explicitação de uma interpretação possível sobre *Unterm Rad*, que aproxime Hesse do leitor brasileiro, caracterizaria uma tradução funcional ou comunicativa. Os acréscimos feitos pelo tradutor que interferem na forma apresentada no original justificam aprofundar a discussão de Reiß sobre os limites objetivos e subjetivos da crítica tradutória, por meio de seu artigo, publicado em 2000, que aborda a compreensão do texto do ponto de vista do tradutor. Com exemplos de traduções diversas, Reiß (2000) discute os fatores que influenciam a leitura e compreensão pelo tradutor e os efeitos que esse fenômeno pode acarretar na tradução e em sua recepção. Nesse íterim de mais de duas décadas entre os trabalhos da pesquisadora alemã, desenvolveram-se os estudos sobre os aspectos funcionais do texto e da tradução.

Nesse contexto, a compreensão do texto é descrita como a integração da oferta do emissor pelo ângulo do recipiente, em que o texto (escrito) é definido como “uma quantidade de discurso com finalidade de comunicação coerente, orientada tematicamente, realizada por meio da escrita” (REISS, 2000, p. 48)¹⁸.

De acordo com Reiß (2000), cabe ao tradutor compreender o texto a ser traduzido e possibilitar ao leitor da língua de chegada a compreensão do texto da língua de partida. O leitor leigo não tem obrigatoriamente consciência de que a barreira linguística também pode ser cultural e toma a leitura da tradução de um autor estrangeiro da

¹⁸ “eine kohärente, thematisch orientierte, im Medium der Schrift realisierte Äußerungsmenge zu Kommunikationszwecken” (REISS, 2000, p. 48)

mesma forma que a de seu original. Nesse panorama, Reiß (2000) destaca o (re)conhecimento da tarefa de autor secundário assumida pelo tradutor, colocando-se pessoalmente atrás do autor do texto, de sua informação e suas intenções, cuja “alteridade” pode se destacar singular ou sutilmente.

No caso de textos literários, a compreensão se daria para Reiß (2000), primeiramente, pela intuição, seguida de sua análise. Essa primeira fase da compreensão “intuitiva”, baseada na experiência do receptor, seria pouco explorada pelos ET. A autora adverte a respeito da análise textual baseada exclusivamente em seus componentes, seu conjunto e suas interdependências, “corre(ndo)-se o perigo de dissecar o texto e por fim restar apenas um cadáver despedaçado”¹⁹. Consequentemente, na fase de reverbalização na língua de chegada, restaria “juntar as peças do cadáver que, a despeito do cuidado constante em observar a forma do texto como um todo, continua morto”²⁰.

A compreensão “intuitiva” evitaria, desse modo, que a análise textual parecesse uma “dissecação”. Essa metáfora pressupõe o texto vivo, “ganhando alma” através de seus leitores. O texto, além do objeto linguístico *stricto sensu*, basea-se no princípio da *Gestalt*, devendo suas unidades menores ser compreendidas e analisadas em relação ao todo que configuram, incluindo, na presente análise, a contribuição do leitor-tradutor.

De acordo com Reiß (2000), se a língua é uma abstração do pensamento, consequentemente, o texto é uma abstração da intenção do autor. Se o pensamento e o autor são determinados por sua época, então texto e língua são determinados subjetiva e historicamente. Como a história muda, torna-se inevitável conhecer o tempo desse sujeito (quem diz *quando?*)²¹ e o sujeito desse tempo (*quem diz quando?*)²².

Não se pode subestimar, portanto, o conhecimento prévio do tradutor, pois ele é sempre diverso para Reiß (2000): “quem diz o que e o que não diz...?”²³. Apesar de não ser textualizado, o conhecimento prévio precisa ser partilhado pelo receptor-tradutor, que depois de se deixar levar pelo texto em si e por sua linguagem, tentando compreender

¹⁹ “[...] liegt die Gefahr nahe, daß man den Text sezirt und am Ende lediglich eine zerstückelte Leiche übrig bleibt [...]” (REISS, 2000, p.49)

²⁰ “daß man Leichenteile zusammensetzt, und dies durchaus stets im Blick auf die Gesamtgestalt des Textes, der jedoch trotz aller Sorgfalt eben tot bleibt.” (REISS, 2000, p.49)

²¹ *wer sagt wann?* (REISS, 2000, p. 51)

²² *wer sagt wann?* (REISS, 2000, p. 51)

²³ *wer sagt was und was nicht...?* (REISS, 2000, p. 51)

seus conceitos, suas unidades de sentido e seu duto linguístico, poderá se dedicar à análise textual tradicional (REISS, 2000).

Não há a forma correta de compreender e, conseqüentemente, de traduzir um texto, conforme Reiß (2000). Isso não significa que o tradutor trabalhe livremente com o texto, como se ele fosse “matéria bruta a ser lapidada”. A tradução deve ser a reverbalização da forma de compreensão que o tradutor considera a mais legítima, diante de uma decisão fundamental e várias decisões particulares. A primeira é a determinação de uma estratégia de tradução para o texto como um todo que, em caso de publicações, envolve o cliente assim como o grupo editorial, não cabendo a responsabilidade somente ao tradutor. Trata-se de escolher entre as máximas tradutórias de Schleiermacher (1813): a tradução comunicativa ou a filológica do texto.

As decisões particulares, em Reiß (2000), referem-se à tentativa de superar, pelo projeto de tradução, as barreiras linguísticas entre o autor e seu leitor na tradução, considerando as palavras em texto e não isoladas. Tais decisões particulares têm base no contexto linguístico do texto, no qual uma palavra pode ser compreendida de diversas maneiras conforme as escolhas entre diferentes equivalentes.

No caso do par alemão-português, essa consideração parece óbvia devido à distância entre uma língua germânica ocidental e outra neolatina. Porém, deve-se observar o que diz Schopenhauer (2001, p. 165) em *Sobre Línguas e Palavras*:

Não se encontra para cada palavra de uma língua um equivalente exato em cada uma das demais línguas. Portanto, vários conceitos que são designados pelas palavras de determinada língua, não serão exatamente os mesmos que aqueles expressos pelas palavras da outra língua.

Por exemplo, *Rad*, em alemão, é “roda”, o que em português ou em espanhol pode remeter ao mesmo objeto, e até soar parecido, mas a construção de seu significado tem uma história no uso de cada língua, inserida numa dada cultura. Na discussão em torno da escolha de “debaixo das rodas” como tradução para a o título alemão “*unterm Rad*”, aprofunda-se essa questão sobre as palavras em texto (vide seção 5.1.2).

Como e quanto o tradutor deve ou precisa comunicar de sua compreensão ideal ou correta para o leitor da língua de chegada depende, de acordo com Reiß (2000), do tipo de texto, da finalidade da

tradução e do valor atribuído pelo tradutor a um segmento do texto para a compreensão geral do conjunto. A nota de tradução ou a tradução explicativa estão entre os recursos disponíveis na aproximação do leitor da tradução ao do texto de partida.

Observando o caso de *Debaixo das Rodas*, o tradutor explicita partes do conteúdo que são pressupostas no texto de partida, como também substitui elementos históricos e socioculturais que aproximam o universo do original do contexto da tradução (vide capítulo 5). Como na maioria dos romances traduzidos pelas grandes editoras brasileiras, há pouco ou quase nenhum espaço para notas ou comentários que permitam um trabalho de caráter documental pelo tradutor.

É difícil para Reiß (2000) determinar quando o tradutor pode não ter compreendido o texto de partida ou procurou compensar a falta de conhecimento prévio por parte do leitor do texto de chegada. O tradutor pode, assim, estabelecer pontos de contato entre as duas culturas sobre aspectos sócio-culturais ou históricos que ajudem o novo leitor a construir esse conhecimento proposto ou pressuposto pelo texto de partida.

O exemplo para essa colocação de Reiß está na observação por Navarro (vide nota de rodapé 7, p. 12,) sobre as "invenções" no texto de *Debaixo das Rodas*, atribuídas a Álvaro Cabral. A crítica desse leitor é ambígua quando aponta a intervenção do tradutor como erro, e mesmo considerando a intromissão no estilo do autor, julga "válido" o resultado.

Para Reiß (2000), decisões errôneas feitas pelo tradutor e ignoradas pelo leitor do texto de chegada podem ser compensadas pelo último em pensamento ou por seu conhecimento prévio, sem prejuízo à compreensão do texto. Todavia, no que concerne ao estilo do autor da prosa literária, Reiß (2000) afirma que pode haver perdas significativas e formas de compensação por parte do leitor da cultura de chegada que podem até mesmo acarretar a construção de imagens errôneas sobre aspectos históricos ou sócio-culturais por meio da obra traduzida. Na análise dos diálogos de *Debaixo das Rodas* (vide seção 5.2), a revisão dos acréscimos pelo tradutor deve se posicionar quanto a essa questão de mudança de perspectiva na recepção da tradução brasileira.

Após algumas considerações a partir dos ET, é preciso que a discussão volte o foco para as características literárias de *Unterm Rad*, antes da exposição dos dados sobre sua recepção e as características da tradução brasileira. Segue a apresentação do autor e seu projeto literário, introduzindo a exposição sobre o conteúdo e a forma expressiva

considerada para as observações sobre a compreensão do texto pelo tradutor.

3 ASPECTOS BIOGRÁFICOS E O PROJETO LITERÁRIO DO AUTOR

A seguir uma breve apresentação sobre as características literárias do autor e sua obra, considerando o romance *Unterm Rad* no original, em razão das fortes características autobiográficas nele encontradas e da polêmica a seu respeito.

Depois do romance *Peter Camenzind*, que tornou Hesse conhecido do público, *Unterm Rad* dá continuidade ao sucesso do autor, destacando-se como um dos títulos essenciais de sua obra – vide próximo capítulo sobre a recepção desse romance em relação à obra hesseana. Por essa época, Hesse começava a colher os louros por ter insistido em sua vocação para escritor e poeta. De acordo com Zeller (2005), o livro foi escrito entre 1903 e 1904, em sua maior parte em Calw, cidade onde Hesse nasceu, na província alemã de Baden-Württemberg, que empresta seu cenário ao romance.

Para Hermann Hesse (1877-1962), sua terra natal não é uma questão puramente geográfica, ele a vivencia em seu pensamento e em sua língua materna – muito mais que lembranças – e a reconstrói em seu ofício de escritor, poeta e crítico literário.²⁴ Alemão de nascimento, peregrino na alma, naturalizou-se suíço em 1923, indo morar no Ticino (estado da Suíça italiana) até sua morte. Sua vocação para as letras despertou já na adolescência, escrevendo cartas. Esse hábito se manteve mesmo quando se ocupava de seus romances, contos ou poemas. Dentre os escritores alemães é dos mais traduzidos e lidos no mundo todo. Estudar a tradução de uma de suas obras para o português brasileiro significa conhecer parte das histórias em torno do diálogo iniciado por Hesse e dar continuidade a ele.

Com inúmeras tiragens já em seu lançamento, *Unterm Rad* segue a tendência trágica do romance juvenil e escolar, denunciando a formação perversa dos jovens a fim de submetê-los à sociedade conservadora. Sua narrativa trata dos conflitos de um pré-adolescente ao vivenciar os “rituais de iniciação” numa sociedade provinciana, em que a conformidade às regras se sobrepunha à descoberta e à valorização dos próprios potenciais na formação de seu caráter.

Em sua curta autobiografia de 1924, revista por ele mesmo em 1945, Hesse conta de sua crise na família e na escola.²⁵ Por volta de seus

²⁴ “A Alemanha pra mim é a língua alemã”, disse Hesse em entrevista publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo* em 1947 (SOUZA, 2007).

²⁵ A primeira versão desse relato está disponível em <<http://www.hermannhesse.de/de/>>.

13 anos de idade, já lhe era claro que, “ou seria poeta ou não seria mais nada na vida”. Porém, ele poderia ser tudo aos olhos dos outros, exceto poeta – a aceitação só viria mais tarde, com o reconhecimento de seu sucesso. (HESSE, 1992)

Embora fosse promessa de sucesso acadêmico, o jovem Hermann é obrigado pela tradição familiar pietista²⁶ a seguir os estudos teológicos. Segundo Zeller (2005), a repentina fuga do seminário protestante de *Maulbronn* leva Hesse a uma temporada de tratamento com um teólogo amigo da família, que acaba considerando-o um “louco endemoninhado”. Após uma tentativa de suicídio e o consequente diagnóstico de melancolia, Hesse se submete a um tratamento psiquiátrico. Recuperado, o jovem se torna aprendiz de relojoeiro e trabalha como vendedor de livros antes de conseguir se estabelecer definitivamente na carreira de escritor.

Para Zeller (2005), a fase do *Sturm und Drang* – ou do rebelde romântico – em Hesse serve para fortalecer não só seu ego como sua vocação de escritor. Após sua primeira rebelião, Hesse exercitou sua introspecção em leituras, nas horas vagas de aprendiz, preparando-se para suas primeiras obras.

Haveria outras crises e outros livros sobre o percurso do rebelde em busca da sabedoria e de sua obra-prima: *O Jogo das contas de Vidro* (1943), *Demian* (1919), *Sidarta* (1922) e *O Lobo da Estepe* (1927) estão entre essas obras, escritas durante seu doloroso processo de amadurecimento como ser humano e escritor, que eclodiu juntamente com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ao se pronunciar contra a euforia nacionalista e belicista que o rodeava (ZELLER, 2005: p.83). Destaques entre as traduções de Hesse (vide seção 4), esses mesmos romances o trouxeram de volta do exílio, após sua morte, para uma Alemanha que primeiramente o execrou.

A seguir, um breve – e o quanto possível objetivo – resumo do romance, a partir da leitura do original, que orientou a discussão deste trabalho.

²⁶ No verbete da Encyclopædia e Dictionario Internacional Jackson (Rio de Janeiro: Schwarzwasser, vol. XV, p.8906, s/data), o pietismo, que se caracterizava como movimento sectário dentre os luteranos ao enfatizar a fé do indivíduo, influenciou a reforma religiosa prussiana em 1850, mas depois se enfraqueceu, perdurando na região alemã da Suábia, onde viveu a família de Hesse.

3.1 O ROMANCE “UNTERM RAD”

“Aqui o espírito se torna leão,
busca sua liberdade e quer ser rei em seu próprio
deserto”

Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*²⁷

Unterm Rad conta como o espírito do frágil e talentoso Hans não consegue se tornar leão e buscar seu próprio caminho ao se desiludir com o destino que lhe havia sido traçado.

Hans sofre e se desespera, a despeito de seus esforços e das garantias de seus preceptores, antes da aprovação do exame regional para ingressar no seminário luterano. Com sua admissão na nova escola, Hans acredita em preencher as muitas expectativas em seu redor: da família, da escola e da sociedade. Ao fim das férias, conciliadas com mais estudos preparatórios que lhe auxiliariam na ambientação ao seminário, Hans se despede de sua infância e de sua cidade natal, indo em busca de uma nova realidade e mais responsabilidades.

Na rotina compartilhada por seus colegas do internato, a timidez, misturada à vaidade, faz com que o adolescente se concentre apenas nos estudos. Somente com o companheiro Heilner, Hans se arrisca a quebrar a fortaleza que o esconde. Os dois estabelecem uma relação ambígua, de conflito e cumplicidade.

No primeiro inverno, um dos meninos do dormitório de Hans e Heilner falece num episódio suspeito de suicídio, fato recorrente na história da instituição. O sofrimento e a apreensão oprimem os jovens e os fazem doentes: os mais fortes, como Heilner, no corpo, e os mais sensíveis, como Hans, na mente. A crise fortalece aquela amizade entre a simbiose e o parasitismo, mal recebida entre os professores. A instituição culpa Heilner pelo pior desempenho de Hans e procura afastá-los. Heilner reage e acaba fugindo do seminário, abandonando seu amigo submisso.

Depois de um curto período de indulgência, Hans, agora sem o apoio e reconhecimento dos professores, é dispensado por estafa. De volta para casa, o adolescente procura em vão pelo prazer que desfrutava em sua infância, mas os lugares e as pessoas mudaram sem ele e já não o reconheciam mais. Hans é atormentado por pesadelos e ideias suicidas

²⁷ „[...] zum Löwen wird hier der Geist, Freiheit will er sich erbeuten und Herr sein in seiner eignen Wüste.“ *Von den drei Verwandlungen, die Rede Zarathustras*, disponível em <<http://gutenberg.spiegel.de/?id=12&xid=1961&kapitel=12&cHash=90a556f8dc2>>

que logo cedem à apatia. A iniciação no ofício de mecânico, as festas da colheita tradicionais e os primeiros flertes adolescentes prometem o fim da crise. Mas a vergonha, de não se tornar quem um dia sonhou, e a dor de amor o levam ao fundo de um rio no caminho solitário à casa paterna, quando da sua primeira bebedeira com os colegas aprendizes.

3.2 O GÊNERO TEXTUAL

Na introdução sobre o material do romance por Glöckner e Lange (1983), *Unterm Rad* não pode ser classificado dentro de um só estilo ou movimento na história da literatura, embora siga a tendência de outras obras contemporâneas como *Freund Hein* (1902) de Emil Strauß, *O Anjo Azul* (1905) de Heinrich Mann e *O Jovem Törless* (1906) de Robert Musil, nas quais também se discutia como a escola influenciava a juventude de *fin-de-siècle* – em breve imolada em duas guerras mundiais – e a decadência dessa instituição.

Acompanha-se um ano da trajetória escolar de um adolescente de treze anos ao passar pela primeira “provação” de sua vida e ingressar numa instituição que deveria prepará-lo para a vida adulta e profissional. De caráter fictício, mas com fortes inspirações autobiográficas, esse romance crítica diretamente, pela voz de seu narrador, as bases da sociedade burguesa e industrial representada pela escola, sobre o uso da religião e do patriotismo, bandeiras políticas tão fortes no início do séc. XX.

Em sua coletânea sobre esse romance, em Glöckner & Lange (1983), apontam diferentes interpretações, ressaltando os traços realistas e impressionistas, a crítica ao sistema político e educacional, a morte como protesto e a documentação sobre o fim da infância.

Vahlbusch (2009, p. 49) destaca que o próprio Hesse descreve *Unterm Rad* como romance escolar – *Schulroman* – e romance de escolares – *Schülerroman* – Esta segunda classificação, permitiria uma leitura

além da alegoria e da biografia, de um drama de personagens e de caráter, uma história sobre a amizade adolescente e a traição, que se desenrola em um internato, cujo pano de fundo é a doença, o

medo (*Angst*), a ambição e a solidão (VAHLBUSCH, 2009, p. 49)²⁸.

Na contramão da crítica literária, que vê a pessoa de Hesse no protagonista adolescente de *Unterm Rad*, há pistas, em um de seus escritos autobiográficos e na discussão de Vahlbusch (2009), que apontam outras inspirações para esse personagem. Em “Lembrando de Hans” – *Erinnerung an Hans* – de 1936, Hesse (1992) fala de seu irmão mais novo, o pequeno Hans, e conta sobre traços e acontecimentos escolares que possivelmente o inspiraram no perfil de Hans Giebenrath. O final trágico na ficção adquire tom quase premonitório por época do suicídio de Hans Hesse na maturidade.

A relação fraternal conflituosa aparece no relacionamento com o coadjuvante Heilner. O amigo Heilner, que parece estar apenas de passagem na crise que se desenvolve no seminário, remete a Hesse na vida real. Todavia, Hans, como Giebenrath, é profundamente marcado por essa estadia em sua curta existência: o conformismo o abate. Preconizando suas obras posteriores que contrapõem o individualismo e o coletivismo, o caminho do jovem Giebenrath está em si mesmo e não ao seu redor, com a necessidade de se fortalecer em seu destino com ênfase nos aspectos espirituais inerentes ao ser humano, em sua singular universalidade.

Cornils (2009, p. 8) na introdução de sua coletânea *A Companion to the Works of Hermann Hesse*, aponta a similaridade entre o desenvolvimento da experiência dos heróis do romance de formação tradicional e aqueles de Hesse, ressaltando que nesse último, os personagens: “go on an ‘interior journey’ that brings them face to face with their ‘true’ selves”. Segundo Cornils, o reconhecimento da expressão artística literária de Hesse auxilia sua leitura, ultrapassando o lugar comum dos estereótipos em torno das qualidades do autor, repetidos pela crítica e pela academia.

“Partir em uma viagem interior e descobrir seu verdadeiro ‘eu’” seria a saída para que Hans Giebenrath não fosse parar “debaixo das rodas” nem desperdiçasse seu talento na mediocridade ao seu redor. Portanto, um dos principais aspectos expressivos, que se destacaria em *Unterm Rad*, seria a trajetória do protagonista Hans, envolvendo o

²⁸ “beyond allegory and autobiography, as a drama of characters and character, a story of adolescent friendship and betrayal whose central scenes play out in a boarding school against a backdrop of illness, Angst, ambition and loneliness” (VAHLBUSCH, 2009, p. 49).

diálogo central e o título da obra num conjunto artístico, apresentado em detalhes e discutido na seção 5.2.1.

Agora seguem algumas particularidades sobre o gênero romance de formação, com o auxílio de Bakhtin (2003) e sobre o romance escolar por Heidermann (1981), que podem melhor descrever a forma artística do original que considero significativa para a tradução. A mais recente crítica sobre *Unterm Rad* a partir da releitura do professor americano Jefford Vahlbusch, também sustenta minha interpretação.

Considerando a tipologia histórica do romance de acordo com Bakhtin (2006), a principal característica do romance de educação – *Erziehungsroman* – é a mudança do herói com significado de enredo, por isso sua designação de sentido mais amplo como romance de formação do homem – *Bildungsroman*. A forma como o tempo histórico real se interioriza no homem e modifica seu destino e sua vida determina a diversidade do gênero do romance de formação. Segundo Bakhtin (2003), na fase realista, a formação do homem se apresenta em indissolúvel relação com a formação histórica, deixando de ser um assunto privado, refletindo o mundo em que vive, entre duas épocas. Questões já levantadas nas fases anteriores à realista – sobre a realidade e as possibilidades do homem, a liberdade, a necessidade e a iniciativa criativa – ultrapassam os limites da existência histórica do personagem e tratam do que há de mais universal no ser humano.

Dessa forma, observam-se em *Unterm Rad* características do romance de educação por tratar da experiência escolar e também familiar, com toques de biografia e regionalismo, todavia com a finalidade de questionar a postura didático-pedagógica de uma época. A movimentação de Hans Giebenrath para “debaixo das rodas” descreveria sua assimilação pelo meio, sua descaracterização e dissolução consequentes de um tempo, que como o deus grego *Chronos*, devora seus filhos em vez de criá-los. A perda dessa dimensão estética empobreceria a expressão artística e particular desse romance escolar que se aproxima do romance de educação.

Mazzari (1997) parte da comparação entre *O Ateneu* no Brasil e *O Jovem Törless* na Áustria, relativamente contemporâneos de *Unterm Rad*, para dissertar sobre as representações literárias do conflito do adolescente com o mundo escolar. Em seu artigo, Mazzari destaca os exemplos dessas narrativas na Alemanha imperial, entre eles *Unterm Rad*, buscando aprofundar suas características enquanto gênero literário.

De acordo com Mazzari (1997), esses romances escolares não devem ser confundidos com os romances de formação e muito menos

diminuídos diante desse gênero anterior e mais abrangente por tratarem somente da fase escolar dos personagens. Através dos dois exemplos que analisa, Mazzari aponta como o romance escolar pode extrapolar o drama da passagem pelos internatos, com muitas notas autobiográficas, provocando debates ideológicos e pedagógicos em diferentes épocas e lugares.

Heidermann (1981) analisa o romance escolar – ou de escolares – da Alemanha entre 1900 e 1930 a fim de despir o tema de sua aparente inocência despertada pelas jocosidades e fatos biográficos comuns em seu enredo, enquadrando-o como representativo do questionamento cultural e da crítica social da época através da Literatura. Nos exemplares do romance escolar por Heidermann, incluindo *Unterm Rad*, *Freund Hein* de Emil Strauß e *Der Abituriententag* de Franz Werfel,

todos os autores retratam uma escola, cujas características são a ausência de inocência e com ela a desumanidade, a repressão e a falta de liberdade [...] (e se) torna(m) advogado(s) e porta-voz(es) do escolar tratado de maneira inumana em nome das máximas pedagógicas humanistas (HEIDERMAN, 1981, p. 2)²⁹.

Devido à complexidade sobre os diferentes gêneros de romance, Heidermann destaca as particularidades e similaridades entre os romances de formação, psicológico e de educação com o intuito de esclarecer o conceito sobre o romance escolar, que exemplifica com sua análise.

Resumidamente, percebe-se em Heidermann (1981, p.16) que ambos os romances de formação e psicológico “tratam do desenvolvimento, amadurecimento e humanização na Literatura”³⁰. Seus “elementos do enredo partem de um personagem central e discorrem sobre seu caminho à vida adulta e seu desenvolvimento de personalidade”³¹. O romance de formação destacaria as influências

²⁹ “zeichnen alle Verfasser das Bild einer Schule, deren Charakteristika Unkindlichkeit und somit Unmenschlichkeit, Unterdrückung und Unfreiheit sind” (HEIDERMAN, 1981, p. 2).

“Stets wird der Autor zum Anwalt und Fürsprecher der im Namen humanistischer Erziehungsmaximen inhuman behandelten Schüler” (HEIDERMAN, 1981, p. 2).

³⁰ “Um Entwicklung, Reifung, Menschwerdung geht es in der Literatur” (HEIDERMAN, 1981, p. 16).

³¹ “Die Handlungselemente gehen von einer im Zentrum stehenden Person aus und geben deren Weg des Erwachsenwerdens und der Persönlichkeitsentwicklung wieder” (HEIDERMAN, 1981, p. 16).

culturais e sociais, enquanto o romance psicológico, o desenvolvimento da pessoa e seus conflitos. O romance de educação se caracterizaria por tratar das “condições existenciais e forças externas”³².

Heidermann considera para sua análise esses aspectos supracitados, relativos aos três gêneros já estabelecidos de romance, ao retratar o papel da instituição escolar na vida e na formação do jovem como determinantes do novo gênero romance escolar – ou de escolares. Mais detalhadamente, são destacados por Heidermann o ambiente escolar, a classe, o professor, o jovem entre a revolta e a resignação, a camaradagem e a amizade entre os pares, a autoridade escolar, a casa dos pais, o suicídio, a escola como objeto da crítica social entre outros aspectos marginais – puberdade e sexualidade, traços autobiográficos.

Os trechos narrativos e diálogos na seção 5.2 selecionados a partir do estudo de Vahlbusch (2009) confirmam a seleção desses tópicos por Heidermann em sua proposta de resgatar o valor literário do romance escolar, seja ele do cânone ou não, porém ilustrativo da história da instituição escolar.

3.2.1 Co-textos

Esta seção trata de depoimentos e trechos de jovens, escritores e jovens escritores de ontem e de hoje e sua relação com o autor Hesse e seus romances, particularmente *Unterm Rad*. Como o escritor alemão Peter Härtling (*1933) que, com a mesma idade do protagonista Hans, em seu primeiro contato com a obra de Hesse, se reconhecia em suas fantasias e em sua impotência, por meio do tom cúmplice de *Unterm Rad* (ZELLER, 2005).

Em *O apanhador no Campo de Centeio* (1951) de Salinger, o leitor é cúmplice do adolescente Holden, que com toda sua sensibilidade para a literatura, descreve como em um diário sua crise após a fuga do internato, expondo toda a ambiguidade característica dessa fase do desenvolvimento humano. Ao se despedir de seu professor de história, o velho mestre e amigo o alerta de que “a Vida é um jogo que se tem que disputar de acordo com as regras”³³. Assim, inicia-se a “saga” de Holden, num diálogo que, em minha opinião, revive o conselho que o éforo dá a Hans para “não ser colhido debaixo das rodas”. Todavia, Hans desiste da partida.

³² “die äußeren Daseinsbedingungen und Kräfte” (HEIDERMANN, 1981, p. 16).

³³ Salinger (s/d, p.11)

Paradiso (2009) do jovem escritor alemão Thomas Klupp (*1977) destaca, sarcasticamente em ritmo de *Road Movie*, como algumas leituras podem inspirar e desvirtuar o jovem ao mesmo tempo. Através da descrição de seu círculo de amigos, considerando suas inclinações literárias, obras do cânone como *Crime e Castigo* de Dostoiêwski e *Sidarta* de Hesse deveriam listar entre os escritos prejudiciais aos jovens³⁴.

Muitas correspondências já foram feitas pela crítica literária brasileira (vide seção 4.1) entre *Debaixo das Rodas* e *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia, que é o exemplo do romance escolar na Literatura Brasileira, em sua fase realista: sua leitura é obrigatória no nível médio e em cursos preparatórios para o vestibular. No texto de orelha de *Debaixo das Rodas*, Mariano Tôrres relaciona as duas obras frente às literaturas brasileira e alemã, caracterizando-as como autobiográficas e inconformistas.

3.2.1.1 *Debaixo das Rodas* e *A Montanha Russa*

Gostaria de citar outro romance nacional que pode contribuir para a reconstrução do universo adolescente da época da tradução de Cabral na atualidade: *A Montanha Russa* (2008) de Fernando Bonassi, com ilustrações de Jan Limpens. O romance traz o pai com seu filho de treze anos, ambos partilhando suas lembranças e vivências dessa idade controversa, a mesma do protagonista Hans, de *Debaixo das Rodas*. O romance de Hesse poderia estar na prateleira do pai nos “loucos anos setenta”, quando “havia pouco o que temer... sim... talvez fosse pouco... mas era ostensivo”. (BONASSI, 2008, p. 9)

O maior exercício de cidadania era saber cantar “mais de duas dúzias de marchinhas infernais, meio militares, meio carnavalescas” (BONASSI, 2008, p.10). O pai observa que nas fotos escolares “diante do mapa do Brasil e do brasão nacional [...] nunca colocaram nosso nome”, talvez porque “ninguém podia ser alguém naquela época...” (BONASSI, 2008, p.10) Nessa época de brincadeiras de soldado, quando se “misturava medo e orgulho, tradição e mentiras fantásticas sobre o nosso futuro” ecoa a voz paterna “-Se quiser subir na vida, meu filho, seja militar... ou estude muito!” (BONASSI, 2008, p. 12-13)

³⁴ “im Grunde müsste man solche Lektüre auf die Liste für jugendgefährdende Schriften setzen” (KLUPP, 2009, p.92)

O adolescente do século XXI discursa sobre sua sina: “com treze anos tudo que a pessoa mais quer na vida é justamente ser esquecida pelos pais “nalguma esquina por aí” [...] Coisas incríveis podem acontecer! [...] E aí?! Aí nada, é isso mesmo. Difícil explicar os treze anos! Aliás, os treze anos deveriam desaparecer. [...]” (BONASSI, 2008, p. 34-36) E num fim de semana das férias durante um passeio com o pai no parque de diversões, as duas biografias se aproximam e Pena conclui que “ter treze anos é parecido com andar numa montanha russa” (BONASSI, 2008, p.54).

Esse apanhado desprezioso de leituras que passaram em minhas mãos ajudou-me a refletir sobre os achados com essa pesquisa, onde procuro mostrar que *Unterm Rad* foi o meio artístico literário que o autor encontrou para dar voz a uma juventude que conquistaria cada vez mais espaço a fim de expor seus sonhos e angústias. Todavia, tratar um tema polêmico, que questiona as bases de uma sociedade, expõe o artista e seu ofício. O autor desse gênero pode se confundir com seu protagonista, como aconteceu com Hesse, estigmatizado por usar a literatura para exorcizar seus próprios fantasmas educacionais.

No próximo capítulo será tratada a recepção da obra hesseana em seu país de origem e internacionalmente, procurando descrever o papel das traduções de *Unterm Rad* a partir da crítica literária e de sua posição no cânone literário.

4 RECEPÇÃO E TRADUÇÕES

Unterm Rad foi publicado originalmente na Alemanha imperial (II *Reich*) em 1906, viajou pelos quatro cantos do mundo, voltando a repercutir fortemente na Alemanha pós –guerra. Passou pelos Estados Unidos, ao fim da década de 60, antes de chegar ao Brasil, no auge de sua ditadura militar. Segundo Glöckner & Lange (1983), a obra de Hesse foi muito procurada nesses momentos por apoiar os jovens que questionavam a responsabilidade dos adultos por suas próprias atitudes.

Como *Unterm Rad* pertence ao cânone literário internacional há quase um século, algumas ideias advindas da literatura comparada permitem visualizar as influências literárias que condicionam a releitura e a reescritura dessa obra, através da crítica literária a seu respeito e alguns dados sobre suas traduções mais lidas.

Para ilustrar a recepção de *Unterm Rad* em seu contexto original e seu desenvolvimento na Alemanha, recorro a Lefevère em *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Nesse caso, considera-se a literatura como um sistema artificial dentro de um conjunto aberto e dinâmico de interrelações de textos e pessoas que leem, escrevem e reescrevem textos (LEFEVÈRE, 2007). Reescrever significando a crítica literária, a tradução ou as intertextualidades a partir de um dado texto. Fazer literatura, desse modo, obedeceria a motivações ou restrições artísticas e/ ou ideológicas – leia-se mecenato – determinadas por seu ambiente cultural e ideológico.

Segundo Völpel (1983), Hesse com *Peter Camenzind* inspirou seus leitores à busca pela natureza e pela autonomia em sua própria formação intelectual, mas com *Unterm Rad* começou a constituir seu caráter literário. De acordo com Volker Michels³⁵ (2003), a partir de *Unterm Rad*, Hesse rompe com sua imagem de bom moço construída com seus primeiros escritos e passa a ser ridicularizado ou relegado aos leitores sentimentais. Mais tarde, numa carta a amigos, em 1951, Hesse (1983) reconhece o caráter catártico de sua obra num reencontro com o passado, considerando imatura sua crítica ao sistema.

Michels (2003) assinala que, com o passar dos anos, *Unterm Rad* foi retomado na Alemanha como leitura inicial ao renomado autor. Esse romance foi listado entre os livros mais importantes do séc. XX, graças à pressão do editor, Siegfried Unseld, detentor dos direitos autorais da obra de Hesse, que exigiu a presença dessa obra na lista

³⁵ Disponível em <<http://www.gss.ucsb.edu/projects/hesse/papers/michels-calw-2003.pdf>>

canônica, sob ameaça de não publicá-la pela *Suhrkamp*. Os críticos literários e germanistas que não se consideram entre os “adoradores” do “santo” autor cederam, mas a controvérsia continuou. Por exemplo, no artigo do germanista Klaus-Peter Philippi³⁶ (2003), a importância da literatura “hesseana” estaria no aporte histórico e icônico do autor que ajudou a refazer a imagem de seu país, após a catástrofe nazista. Mas a sua obra – inteira – seria datada e não mereceria tanta atenção do mercado editorial.

Reverendo os escritos biográficos do autor em Zeller (2005), observa-se que Hesse se opôs abertamente ao militarismo da Alemanha imperial, buscando exílio na Suíça ao término da Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, condenou o regime nazista, após o golpe de Estado por Hitler em 1933. Mas a leitura de sua obra, mesmo condenada como degenerada – *entartet* – continuou a inspirar as novas gerações, ao tratar de seus conflitos frente às autoridades. Em 1946, Hesse foi laureado com o *Nobel* de Literatura pelo conjunto de sua obra e por sua resistência política contra os nazistas no âmbito da literatura alemã, como se pode verificar no discurso do secretário da academia sueca Anders Österlin³⁷, por ocasião da entrega do prêmio

A premiação concedida a Hermann Hesse é, portanto, mais que a confirmação de sua fama. Com ela se pretende destacar a criação literária, que em seu conjunto aponta para a figura de um homem bom, que lutou, que seguiu sua vocação com fidelidade jamais vista e conseguiu, em uma época trágica, levantar a bandeira do verdadeiro humanismo.³⁸

Conforme o artigo de Galle (2006) sobre os autores alemães laureados com o *Nobel* de Literatura, após a II Guerra Mundial, a academia sueca busca, ao menos em seu discurso, reconhecer “*Bahnbrecher*” ou “vanguardistas”. Porém, segundo Galle, o caso de

³⁶ Disponível em <<http://www.gss.ucsb.edu/projects/hesse/papers/philippi-calw-2003.pdf>>

³⁷ Disponível em inglês em <<http://www.hermannhesse.de/de/>>

³⁸ “*Die Hermann Hesse zuerkannte Auszeichnung ist also mehr als die Bestätigung des Ruhms. Sie will auch ein literarisches Schaffen ins rechte Licht rücken, das in seiner Gesamtheit das Bild eines guten Menschen zeigt, der gekämpft hat, der seiner Berufung mit beispielloser Treue gefolgt ist und dem es gelang, in tragischer Zeit das Banner des echten Humanismus hochzuhalten*“. Disponível em <<http://www.hermann-hesse.de/de/biographie/stationen/index-streifzug-auswahl.html>>

Hesse é emblemático sobre a tradição de confirmação do cânone pelo prêmio *Nobel*. Embora fosse autor profícuo e renomado, para Galle, a obra de Hesse não gozava do status da de Kafka entre outros grandes destaques literários da primeira metade do século XX, com exceção do romance visionário *Glasperlenspiel*. Mas com a premiação em Estocolmo, Hesse entra para a lista de expoentes dos modernos e faz jus à “audácia experimental”³⁹ de seus contemporâneos, estando até hoje dentre os autores alemães mais lidos mundialmente.

Um exemplo concreto do conflito e das contradições entre as instituições, o mecenato, os leitores e os reescretores de Hesse está no resumo da palestra de Martin Pfeifer⁴⁰ (1977) sobre o significado de Hesse para a juventude e a escola – *Hermann Hesse – seine Bedeutung für Jugend und Schule* – por ocasião do primeiro colóquio internacional sobre o autor, sob o tema “Hermann Hesse nos dias de hoje” – *Hermann Hesse heute* – realizado em Calw, durante as festividades de centenário de seu nascimento.

Pfeifer (1977) trata da relação do currículo escolar alemão com a formação dos leitores do renomado autor no *Gymnasium*, que corresponderia ao ensino médio no Brasil, preparando os jovens para a universidade. Conforme o artigo, a leitura de Hesse examinada pelo exame das federações na Alemanha para conclusão do nível médio é facultativa e dirigida sumariamente por clichês. Embora seus romances tratem em grande parte da escola e da educação, da formação e do desenvolvimento pessoal, a relação de Hesse com a escola, como aluno e também como escritor, é problemática. Parte dos jovens, individualmente, a iniciativa de trabalhar com o autor.⁴¹

Em outro artigo de Martin Pfeifer (1977), sobre a recepção de Hesse na extinta Alemanha Oriental, ou seja, num contexto marxista, a obra hesseana parece menos ameaçadora, podendo servir ao *status quo*. Abstraem-se os aspectos revolucionários de seus romances sobre a

³⁹ “(an) experimentelle(r) Gewagtheit”, adjetivo atribuído por Thomas Mann ao *Steppenwolf* de Hesse (GALLE 2006, p.45).

⁴⁰Disponível em alemão em < <http://www.hessekolloquium.de/textearchiv/hermann-hesse-seine-bedeutung-fuer-jugend-und-schule.html>>

⁴¹ Pfeifer considera simbólico o modo como transcorreu a homenagem póstuma ao *Nobel*, dando seu nome ao antigo *Calwer Gymnasium*, que o próprio Hesse frequentou (entre 1886-1890) para ilustrar esse paradoxo. A homenagem partiu da sugestão de um aluno da mesma instituição, ainda em 1955, através do jornal da escola. O próprio Hesse aceitou o convite, mas a direção da escola, a administração e o conselho municipais não chegaram a um consenso sobre a homenagem. Hesse não representaria o aluno exemplar para a escola e as famílias. Somente 12 anos depois, com a reforma da escola, Hesse foi aceito como patrono do ginásio por sugestão de um membro do conselho, amigo do aluno que iniciara a polêmica.

problemática do homem moderno e suas crises, representados por *Demian* e *Der Steppenwolf* que, tomados como exemplares de uma tradição humanista, apontariam o estado socialista como alternativa ideológica e política possível. Obras de caráter mais social, que criticam as instituições burguesas, como é o caso de *Unterm Rad*, têm seu tom denunciador exacerbado.

A exposição acima mostra que há a manipulação de reescrituras pelos críticos e acadêmicos para adaptar-se ou opor-se ao *status quo* e que esses não são independentes do mecenato. Antes indiferenciado ideologicamente por representar instituições autoritárias e regimes totalitários, agora o mecenato se torna cada vez mais indiferenciado também economicamente. Através das reescrituras, o pesquisador pode se aproximar da dimensão real de gênese, de uso e de propagação da obra literária, muito além da discussão sobre seu valor literário intrínseco. Isso acontece porque, segundo Lefevère (2007), os leitores em geral acessam a literatura por reescrituras e como estas já colaboraram com a evolução das literaturas no passado, não podem continuar negligenciadas hoje.

Considerando também que para Lefevère (2007, p.45), a tradução seria a forma mais reconhecível e influente de reescritura, e “para permanecer funcional é preciso mudar”, segue um panorama das traduções de Hesse a partir da coletânea de Pfeifer (1977) e do banco de dados da Universidade da Califórnia⁴², onde é possível acessar a lista das traduções licenciadas pela editora alemã *Suhrkamp* e observar quais títulos aparecem mais e/ou são mais traduzidos, em quais idiomas, nos mais diferentes lugares até o início do novo milênio.

As traduções apareceriam, segundo a teoria dos polissistemas literários (EVEN-ZOHAR, 1990), quando uma literatura ainda não se estabeleceu ou é fraca, em momento de transição, crises ou vácuos numa literatura. Como os outros co-sistemas literários, a literatura traduzida pode ser, em linhas gerais, central ou periférica (relativo ao cânone), inovadora ou conservadora. Nos próximos parágrafos, procuro apresentar um recorte sobre essa dinâmica literária e tradutória por meio do exemplo de *Unterm Rad*.

Faltam detalhes sobre as revisões nas reedições e dados sobre as reimpressões, todavia, por sites de livrarias e sebos na rede mundial, pode-se afirmar que apenas no Brasil, desde o final da década de 80,

⁴² Disponível em <<http://www.gss.ucsb.edu/projects/hesse/publications/uebersetzungen-sprache.pdf>>

Debaixo das Rodas está esgotada. Só há uma tradução de *Unterm Rad* mais recente em português europeu: Hans, por Paulo Rego, de 1998.

Conforme a introdução de Pfeifer (1977) em sua coletânea sobre a recepção internacional de Hesse, o prêmio *Nobel* despertou o interesse pelas traduções da obra hesseana, até então representada por algumas poucas traduções de *Peter Camenzind*, *Demian*, *Siddhartha*, *Der Steppenwolf* e *Narziss und Goldmund*.

Para ilustrar a recepção internacional, foram levantados dados em dois dos países onde Hesse foi mais lido além do Brasil: no Japão e nos Estados Unidos. Parece fora de propósito tratar das traduções de Hesse no Japão, mas como são muitas e aconteceram antes da canonização do autor na literatura universal, saliento, mesmo que resumidamente, como e quando *Sharin no Shita* – literalmente “debaixo das rodas” em japonês – foi publicada e reescrita. Além do que, o Japão e o Brasil, em relação ao sistema literário alemão, no caso particular de Hesse, são periferias num primeiro momento.

Entre 1938 e 1968, houve 21 publicações, muitas delas no mesmo ano, de dez tradutores diferentes. Destacam-se: Kenji Takahashi (1938, 1956, 1960, 1961, 1964 e 1968), com dez reedições, aparentemente o primeiro e o último; com três reedições, Rokurobê Akiyama (1939, 1942 e 1953), o reescritor solitário durante a Segunda Guerra Mundial e Hideo Akiyama (1954, 1957 e 1967); Shôji Ishinaka (1957 e 1962) com duas reedições no período mais profícuo das reescrituras. Outras seis traduções alternativas aparecem sempre antes de reedições “canônicas”. Takahashi e Akiyama são os dois únicos tradutores antes da última revisão do texto por Hesse em 1951 e continuaram sendo publicados depois dessa data até 1968.

Há lacunas sobre a recepção de Hesse no Japão quanto ao teor das reescrituras de *Sharin no Shita* e as posições de seus reescritores. Porém, podem-se formular hipóteses sobre o conflito de interesses de seu mecenas num país imperialista e militarista que brigou por esses valores ao lado da Alemanha e foi, juntamente com ela, derrotado pelos e subjugado aos europeus ocidentais e americanos. O diálogo – ou a discussão – que *Sharin no Shita* provoca parece – não à toa – ser mais intenso nesse ínterim, quando há a reconfiguração do mapa das potências políticas e econômicas.

Nos grandes centros de língua inglesa, na Europa, *The Prodigy* (1954), e nos Estados Unidos, *Beneath the Wheel* (1968), aparecem após a canonização de Hesse e com a efervescência da revolução estudantil e de costumes, quando a sociedade ocidental começa a rever seus valores.

Como no caso do Japão, o discurso parece se repetir a partir de 1968, um ano conturbado e emblemático para os jovens, do qual poucas sementes vingaram.

Com essa exposição sobre as reescrituras de *Unterm Rad* quero investigar agora o contexto da tradução *Debaixo das Rodas* e sua recepção entre os brasileiros. Nossa literatura já configurava um sistema literário, porém periférico: segundo José Paulo Paes (1990), depois da década de 50 houve um *boom* editorial brasileiro e as traduções desempenhavam grande parte desse mercado.

Qual seria o papel desempenhado pela tradução de um cânone europeu – e na época já universal – no contexto literário brasileiro da década de 70? Que pistas foram deixadas sobre o projeto tradutório para *Debaixo das Rodas*: a quais normas ele obedeceria? Essa tradução tem caráter inovador ou conservador?

4.1 DEBAIXO DAS RODAS

Nesta seção, reúnem-se as informações acerca da tradução brasileira, dando continuidade à temática do capítulo sobre a repercussão de *Unterm Rad*. Essa obra chegou pela primeira vez ao português e no Brasil pela tradução de Álvaro Cabral em 1971 – *Debaixo das Rodas* – pela editora *Civilização Brasileira*. Em 1983, o romance foi reeditado pelo grupo editorial *Record*, dessa vez sob o título *Menino Prodígio*⁴³. Desde então, através de dados fornecidos pelas editoras, não há reedições ou novas publicações⁴⁴ do romance em português do Brasil. Em Portugal, pela primeira vez, a editora *Difel* lançou em 1998 o romance, que segue no mercado europeu sob o título de *Hans*, traduzido por Paulo Rego.

A edição portuguesa tem base na versão de 1906, da editora *Fischer*, devendo apresentar um tom mais crítico e severo em relação ao sistema educacional alemão da época imperial. A tradução de Cabral parte da última versão revisada por Hesse e publicada pela *Suhrkamp*, em 1951, quando o autor ameniza o tom sarcástico. Esse dado só pode ser constatado através do estudo de Vahlbusch (2009) sobre os cortes

⁴³ Nenhum exemplar dessa reedição foi encontrado para a verificação de detalhes sobre a tradução e/ou revisão, assim como faltou sua menção por parte da crítica literária.

⁴⁴ Dados sobre a editora alemã *Suhrkamp* disponíveis em: <<http://www.gss.ucsb.edu/projects/hesse/publications/uebersetzungen-sprache.pdf>> e sobre o grupo editorial *Record*, que engloba a antiga editora *Civilização Brasileira* e a portuguesa *Difel*, disponível em <<http://www.record.com.br>>

efetuados por Hesse nas três versões de *Unterm Rad* no trecho do início do quinto capítulo, quando o narrador aponta os culpados pelo fracasso escolar de Hans Giebenrath.

Por meio do trabalho de mestrado de Souza (2007) sobre a recepção crítica de Hesse no Brasil entre 1935 e 2005, duas resenhas foram examinadas por datarem da ocasião do lançamento de *Debaixo das Rodas* e uma terceira sobre a recepção da obra geral de Hesse no Brasil num artigo do jornal *O Estado de São Paulo*, em 1980.

Pode-se observar, por essa coletânea, que os aspectos biográficos do autor que inspiraram *Unterm Rad* como forjadores de seu caráter literário são tratados sem referência obrigatória a esse romance. Deve-se destacar também que, em todo esse levantamento da crítica e suas resenhas, os tradutores são citados sempre e algumas vezes criticados apenas de modo subjetivo, sem que haja um posicionamento crítico sobre a questão da literatura traduzida. Apropriam-se do cânone, analisando-o superficialmente, reproduzindo o discurso da crítica internacional.

A resenha da revista *Veja* (de autor desconhecido) sobre o lançamento de *Debaixo das Rodas* ressalta os aspectos biográficos e o tom crítico da obra ao sistema educacional. Oliveira (1971) também destaca, no mesmo ano do aparecimento do romance, a predileção dos jovens leitores brasileiros pelo autor, “sábio sofredor” e “rebelde romântico”. Ao traçar seu perfil adolescente, associa a crise de *Debaixo das Rodas* com outro romance de crise: *O Ateneu*. Reiterando a crítica literária sobre o romance de Pompéia em *O Relógio e o Quadrante* (1964) de Álvaro Lins, Oliveira aponta os encontros e desencontros entre os dois romances de formação, as literaturas realistas e impressionistas e seus autores. Curiosamente, para ele, Hesse sobrevive ao sistema, enquanto Pompéia não ouve a lição que havia ele mesmo dado a seu protagonista Sérgio e vai para “debaixo das rodas”.

Brink (apud SOUZA 2007, p. 234-236) descreve a recepção de Hermann Hesse no Brasil sem mencionar *Debaixo das Rodas*. O autor reforça que o país demorou a descobrir Hesse e, mesmo passada a onda norte-americana, seu prestígio continuou entre os leitores brasileiros pois “que agrada ao seu sentimento romântico e desafia o seu espírito crítico”, além de “seu relacionamento muito especial com a juventude”. Sem menções aos tradutores, descreve o estilo do autor

sempre elogiado por sua sensibilidade, seu colorido e sua harmonia, mas também por sua clareza e simplicidade de expressão, que muito

colaboram com o tradutor em sua tarefa de verter, de um idioma para outro, não somente as palavras, mas uma visão de mundo com seus significados específicos. (BRINK apud SOUZA, 2007, p.236)

Os conflitos com a crítica na Alemanha também são ignorados. Brink destaca que as editoras poderiam tê-lo explorado mais, pois havia mercado, embora tanto a imprensa como a academia se interessassem pouco por Hesse.

A motivação para trazer *Unterm Rad* ao Brasil se daria pelo conhecido caráter contestador do autor, numa época de ditadura e efervescência política no âmbito intelectual, principalmente entre os jovens? Essa questão histórico-política me levou às primeiras investigações sobre a tradução de Hesse no Brasil. A leitura de Hesse, mesmo parecendo perigosa aos olhos de governos totalitários por explicitar os conflitos dos jovens frente às autoridades, continuou inspirando novas gerações em suas pequenas e grandes revoluções, como se pode observar na procura por sua obra na Alemanha do pós-guerra e pelo movimento *hippie* e pacifista durante a Guerra do Vietnã (GLÖCKNER & LANGE, 1983).

O momento histórico da tradução é quando os jovens começam a buscar seu caminho alternativo na sociedade industrializada moderna, gritando por seu espaço, dessa vez como instituição, juventude, a caminho da vida adulta, em busca de novas descobertas (PROST, 1992). A promoção de uma mudança interna no indivíduo, como faz Hesse, acaba por ser mais revolucionária do que uma panfletagem contra o sistema sociopolítico vigente, incita à resistência e à transformação na célula do que mais pode repercutir na história de uma pessoa: a família e a escola.

A consideração dos aspectos psicológicos, no contexto da leitura, tradução e publicação do romance, parece corresponder, também, ao interesse do público brasileiro pela obra na época. Hesse, por ter trazido suas experiências com a psicanálise para a literatura, é comentado como o personagem que se faz autor do ponto de vista do analista junguiano Menezes (2007, p. 10) que destaca: “a tarefa do artista que, na criatividade incomum, refaz o real estéril, provando-se mais forte que a mesmice monótona, inaceitável ao espírito da criação”. Para Menezes (2007, p. 14), Hesse busca “não ter a postura reverberante do repetidor de respostas.”

A construção dos personagens de seus romances se basearia, segundo Menezes (2007), “[n]as relações de Hesse com as pessoas de

importância [que] foram sempre elaboradas em histórias: sua família, amigos, mestres, e sobretudo, [n]as relações com ele mesmo” (MENEZES, 2007, p. 14).

Sobre seu estilo, ele diz: “[a] expressão do belo requer muito esforço de técnica. Hesse esteve sempre preocupado com a estrutura da língua e buscando o máximo de riqueza expressiva. Sua obra não resultou de um simples sentar e escrever” (MENEZES, 2007, p. 14).

Sobre os jovens protagonistas de *Debaixo das Rodas*, Menezes (2007) associa a criação desses personagens a sua vivência no seminário, com a motivação de denunciar a escola na sua incapacidade de formar as pessoas. O jovem que, como Hans, confiasse na instituição escola e depositasse suas esperanças e ambições em se transformar por meio dela, correria o risco de renunciar a seus próprios sonhos e talentos.

Pela lista da bibliografia em seu livro, Menezes parece ter tido acesso apenas às reescrituras de Hesse que, no caso de *Debaixo das Rodas*, teria sido lido após reescrito por Álvaro Cabral. Neste espaço, caberia o depoimento ou alguma documentação sobre o co-autor da obra aqui analisada, porém não foi possível completar essa etapa além das informações do verbete do DITRA⁴⁵ sobre o tradutor brasileiro.

Conforme o DITRA, Álvaro Cabral era o pseudônimo de Antônio José Silva e Souza (1922-2009), tradutor português, com pós-graduação em Londres e em Heidelberg (Alemanha). Também trabalhou em jornal como crítico teatral, literário e cronista. Além de literatura, traduziu obras da área de psicologia (inclusive dicionários técnicos), filosofia, psicanálise, entre outras, durante 40 anos de profissão. Integrava o grupo de tradutores da editora *Jorge Zahar* e era considerado por Paes (1990) entre os principais tradutores brasileiros a partir da segunda metade do séc. XX.

Em minha opinião, essa preferência temática do tradutor pode ter influenciado seu papel como um dos principais colaboradores na divulgação das obras de Hermann Hesse em português e no Brasil, na década de 70. Da comparação de sua tradução *Debaixo das Rodas* com o original, questionando a intenção de seus acréscimos à fonte, Cabral parece explicitar sua interpretação psicológica dos personagens ao demarcar suas funções na sociedade patriarcal.

No caso de obras literárias, Stolze (2001) aponta que o trabalho analítico em tradução é descritivo das alterações feitas pelo tradutor,

⁴⁵ Disponível em <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/AlvaroCabral.htm>>

determinadas por sua interpretação específica, normas tradutórias históricas, escola tradutória ou tradições editoriais. Tanto a análise da tradução do título de *Debaixo das Rodas* como dos acréscimos e alterações no corpo do texto podem servir de exemplo das influências das normas editoriais, tendências tradutórias e referências de outras traduções do cânone em nível nacional e internacional, nas escolhas do tradutor e na configuração do projeto brasileiro.

Segue a apresentação comentada do material analisado nesta pesquisa, ou seja, o projeto editorial, o título brasileiro, as pistas do projeto tradutório e as transcrições de uma seleção de diálogos em alemão e português.

5 PROJETO TRADUTÓRIO

Ao iniciar a análise da tradução propriamente dita, considerei duas revelações do tradutor literário José Paulo Paes (1990) – a primeira sobre o tratamento, nem sempre o merecido, dedicado aos projetos de tradução de *best-sellers*, dados os prazos curtos e a demanda do mercado editorial; a segunda diz respeito à responsabilidade do tradutor, ao qual cabe, sim, discutir suas soluções tradutórias, mas não seus erros, pois a revisão é de toda a equipe editorial. Algumas inconsistências na aproximação do texto alvo ao seu leitor brasileiro poderiam servir à sua revisão. Entretanto, há de se ressaltar o caráter revolucionário de seu texto do ponto de vista da história dos ET no Brasil, antes de criticar a falta de precisão em sua transposição. Nesse capítulo, desvenda-se parte da proposta comunicativa e funcionalista do projeto tradutório de *Debaixo das Rodas*.

Alguns aspectos lexicais relacionados à Geografia física e política da Alemanha e às características histórico-culturais presentes na ambientação do original estão confusos no texto alvo. Essas informações hoje são facilmente verificáveis em bancos de dados como o *Google*, diferentemente das enciclopédias e Atlas geográficos, que não davam conta de detalhes e atualizações. A tradução cultural, equívoca ou intencional, transferiu o conflito religioso para a questão do celibato, de fundo católico, implícita no pudor do protagonista com relação a suas antagonistas femininas (vide seção 5.2.1).

Tanto a localização do Seminário de *Maulbronn* como sua confissão são imprecisas, apagando a problemática religiosa sobre os luteranos radicais ou pietistas, criticados por Hesse. A correção desses dados pode demandar uma tradução explicativa ou a nota de tradução para o contexto brasileiro, como se pode observar em alguns exemplos que seguem e na seção sobre o título (5.1.2).

Por exemplo, o termo “*Land*”, designa “país” e, na época do Império Alemão, uma “região” ou “estado” (correspondente ao atual *Bundesland* na República Federativa). Em *Debaixo das Rodas*, o seminário de *Maulbronn* parece situar-se no noroeste da Alemanha, em vez de no noroeste da região da Suábia (*Schwabenland*). Dentro do contexto religioso e político alemão, a região ocidental é historicamente latina e de maioria católica, com exceção dos suábios, ao sudoeste, protestantes. Curiosamente, os bávaros a sudeste, são católicos. Ambas as regiões sulinas abrigam facções ortodoxas dos dois grupos cristãos.

Em outra passagem, Bavária substitui Suábia, sem qualquer menção direta pelo texto fonte. Entretanto, tal troca pode derivar da existência de algumas referências geográficas homônimas do monte *Kapf* nas imediações de Calw e outro da Bavária, mais conhecido.

A terminologia dos religiosos e professores do seminário varia dentro do contexto cristão, confundindo os ambientes luteranos e católicos: a mesma pessoa é chamada de pastor, padre e pároco. Todavia, os nomes dos preceptores são traduzidos literalmente, sem esclarecer função nem relação hierárquica, adotando uma posição mais estrangeirizante.

Há também alguns diálogos em dialeto suábico ignorados no texto alvo. A passagem descreve a volta de Hans ao convívio com os velhos concidadãos artesãos e agricultores, gente simples do povo que ele, como promessa de futuro acadêmico, chegou a menosprezar. Na década de 70, apagar essas irregularidades linguísticas – em vez de, por exemplo, buscar um tom coloquial nessas vozes – é uma tendência editorial em traduções de obras canônicas, buscando a fluência do texto alvo, principalmente quando o tradutor não carrega o status de co-autor (PAES, 1990).

Todavia, outra solução, em um detalhe da obra, toma a contramão das tendências tradutórias domesticantes e regras editoriais. Para ilustrar a falta de instrução acadêmica do pai, este troca o artigo de “*Lexicon*”, em vez de “*das Lexicon*”, neutro, diz “*der/den Lexicon*”, masculino. Esse lapso indica que o velho não está habituado com palavras latinas e, conseqüentemente, com hábitos mais intelectuais. Na tradução, tem-se “*a dicionário*”, uma tentativa de reproduzir uma “falha” linguística, que se perde devido à artificialidade dessa confusão de gênero em um falante nativo de português.

Essas contradições foram algumas das primeiras pistas deixadas no texto alvo pelo projeto tradutório, claramente marcado pelas tradições e inovações tradutórias, numa época de transição e fundamentação dos ET. Seguem as investigações acerca da nova função do texto para o contexto literário brasileiro e as influências da crítica literária na composição do texto alvo.

5.1 PROJETO EDITORIAL

Trata-se da publicação de um prêmio *Nobel* de Literatura pela editora *Civilização Brasileira*, integrando a coleção da Biblioteca do Leitor Moderno. Para os leitores mais atentos, é uma obra inédita de

autor contestador e pacifista, num momento histórico-político repressor, principalmente contra qualquer manifestação juvenil e/ou estudantil.

A partir do estudo de Fernandes (2001) sobre as capas da *Civilização Brasileira* no final dos anos 60 e início dos 70, pode-se afirmar que os livros da editora eram projetados para bancar sua posição antagônica ao ideário militar, driblando a censura imposta à liberdade de expressão. No caso de *Debaixo das Rodas*, a capa do ilustrador Dounê reforça ainda mais as ameaças do título: vemos uma carruagem negra, com estofado vermelho e um homem debaixo das grandes rodas de madeira, tudo lilás em fundo branco pontilhado de preto. Exagerado, grosseiro, dentro da prerrogativa da década de 70: “Uma capa é para agredir e não para agradar”, prega Eugênio Hirsch, o principal capista da editora carioca. Busca-se chocar o público com trabalhos de vanguarda no *design* de livros, clamando pela liberdade de expressão de maneira pungente e criativa no auge da ditadura militar no país.

Pode haver também o testemunho dos relatos de abuso de autoridade, pela época desse movimento, dentro da editora. O fim trágico do protagonista, a despeito de sua resistência e da esperança que inspiram o leitor nos últimos capítulos, é revelado de antemão, pela capa e pelo texto da orelha do livro. Mas o sacrifício da surpresa sobre o enredo poderia servir à resistência proclamada pela editora que, em breve, também a levaria ao declínio (FERNANDES, 2001). A apresentação desse romance escolar denunciaria, em minha opinião, as mortes “acidentais” de intelectuais esquerdistas⁴⁶ ou de oposição ao regime.

Segundo Fernandes (2001), a orelha de capa é outra grande contribuição da *Civilização Brasileira* para o mercado editorial. Explicita-se e comenta-se o enredo, dentro do contexto do original e da cultura alvo, com referências intertextuais (vide seção 3.2.1).

Nos anos 80, essa mesma tradução de Cabral parece ter sido relançada pela editora *Record* como *Menino Prodígio*. Essa tradução reproduz o projeto editorial britânico da mesma década pela editora *Penguin Books*. Dessa forma, perde-se a apresentação da obra e a chamada do título, voltadas para o leitor brasileiro, como na década anterior.

⁴⁶ Por exemplo, Anísio Teixeira (Mais informações sobre o educador em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br>>), grande parceiro da *Civilização Brasileira* de acordo com Vieira (1996), morreu em circunstâncias misteriosas no ano da publicação de *Debaixo das Rodas*.

5.1.2 Título

Em um primeiro momento, pensou-se que o título do romance no original derivaria exclusivamente de uma expressão idiomática usual no alemão “*unter die Räder kommen*”, que, segundo a definição no dicionário de expressões idiomáticas *Duden*, significa ficar arruinado moral e economicamente⁴⁷. Ainda segundo o *Duden*, a imagem remete ao momento do atropelamento, quando a vítima vai para debaixo das rodas de um veículo. Essa expressão aparece com alta frequência no banco de dados de *corpora* de Mannheim⁴⁸, reforçando sua atemporalidade de uso e significado no âmbito da língua alemã.

Dentro dessa hipótese, a forma do título em alemão não apontaria o processo de decadência em si, mas seu resultado, ao “estar debaixo da roda”, ou seja, já “ser ou estar fracassado moral e economicamente”. Conjugando com as ilustrações ou fotos de capas nos países de cultura alemã, a imagem de adolescentes e da escola predomina, explicitando o gênero como romance escolar, pressupondo a crítica ao sistema educacional e sugerindo o fracasso do jovem. As associações dos leitores, a partir do título original, se baseariam num jogo com essa expressão idiomática.

A variação da expressão idiomática no título e na passagem central poderia expressar a movimentação de Hans para dentro do pequeno mundo de seu pai. Pode-se interpretar que o protagonista Hans não quer pertencer a esse mundo de fracasso moral e econômico ao qual estaria fadado; ele luta para ser diferente daqueles que o rodeiam, mas não encontra meios próprios para se orientar e ser livre, seguindo seus próprios sonhos.

O enredo se abre com as qualidades do filho se opondo à mediocridade do pai, que representa muito bem seu ambiente. Esse pai de poucos sentimentos, superficial e insensível é o primeiro contato que o leitor faz com o ambiente decadente que rodeia o menino. Ao longo da narrativa, o leitor tem esperança na “salvação” de Hans, que poderia partir de suas próprias escolhas e ações.

Marcando a passagem central do livro, em que é feita a referência ao título, o leitor experiencia o divisor de águas da história. O garoto Hans, antes seminarista exemplar, começa a apresentar baixo

⁴⁷ „*unter die Räder kommen/geraten (ugs): 1. völlig unterkommen, moralisch und wirtschaftlich ruiniert werden [...] Diese Wendung geht von dem Unglück aus, das jemandem widerfährt, wenn er unter die Räder eines Wagens kommt, wenn er überfahren wird*“

⁴⁸ Disponível em < <http://corpora.ids-mannheim.de/ccdb> >

rendimento escolar. O professor de hebraico, que o tem em alto conceito, chama-o para uma conversa, aconselhando-o a cuidar de seus estudos e de suas companhias para ficar longe do fracasso. Porém, a conversa não passa de uma “desajeitada tentativa de salvação”⁴⁹.

<p>>>Dann begreife ich das nicht recht, lieber junger Freund. Irgendwo muß es doch fehlen. Willst du mir versprechen, dir ordentlich Mühe zu geben?<< Hans legte seine Hand in die ausgestreckte Rechte <u>des Gewaltigen</u>, der ihn mit ernster Milde anblickte. >>So ist's gut, so ist's recht, mein Lieber. Nur nicht matt werden, sonst <u>kommt man unters Rad</u>.<<</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p. 95</p>	<p>- Bom, nesse caso não entendo mais coisa alguma. Estou certo de que deve haver algo que te preocupa <i>e está prejudicando os estudos, mas se não queres confiar em mim, paciência, meu caro</i>. Promete-me, ao menos, que vais começar a esforçar-te de novo! Hans colocou sua mão sobre a mão estendida do <i>éforo</i>, que o olhava gravemente.</p> <p>- Assim está bem meu caro- disse ele, <i>em tom condescendente</i>. – <i>Só te recomendo que não amoleças, caso contrário vais conhecer o fracasso mais cedo do que supões. Trata de ficar longe da carruagem, se não queres ser colhido debaixo das rodas</i>.</p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p.98</p>
--	---

O diálogo marca o abandono do seminário. Agora, Hans tenta buscar na natureza, em contato com a gente simples e não menos sábia, sua antiga alegria de viver e descobrir a vida fora dos livros. Mas sua infância acabou e levou consigo a chave da felicidade.

O título brasileiro não esclarece esse movimento de “ir para debaixo das rodas” ou “estar debaixo das rodas”. “Ser colhido debaixo das rodas” remete dentro do contexto à ameaça de ser “atropelado”, “machucado” ou “morto”, em casos menos extremos a “ser deixado para trás”. Em qualquer uma das alternativas, a possível interpretação relativa

⁴⁹ “einen ungeschickten Rettungsversuch” (HESSE, 1971)

à movimentação do protagonista no enredo pelo jogo de palavras no título não é explícita.

Pesquisando a proposta de Cabral no banco de dados do *Google*, tratando de expressões de mesmo sentido com a figura da roda, sua ocorrência ainda é a mais comum. Embora a metáfora seja possível em português brasileiro, sua interpretação é menos abstrata e pouco sutil, de forte apelo imagético ao referir-se a atropelamento com vítima, feridos ou morte. A alusão ao fracasso teve que ser esclarecida e, associada à imagem, o aviso soa ameaçador, reforçando a atmosfera rígida do seminário.

Todavia, a expressão no singular empregada por Hesse “*unters Rad kommen*” também pode remeter no senso comum ao suplício da roda, em alemão “*rädern*”. Esse castigo⁵⁰ era dado a assassinos, incendiários e ladrões; com origem nas penas dos gregos e romanos, ressurgindo no fim da Idade Média na Europa ocidental, perdurando até o início da Era Contemporânea. Segundo uma recente reportagem do caderno sobre história da revista alemã *Der Spiegel*, em algumas regiões do sul da Alemanha, em caso de crimes hediondos, a dolorosa pena ainda era aplicada até a segunda metade do séc. XIX⁵¹.

O condenado era amarrado a uma cruz de Santo André e lhe eram quebrados os ossos com uma roda; de forma mais dolorosa se começava pelos pés; pela cabeça ou pelo pescoço, era o golpe de misericórdia. Depois do castigo “debaixo da roda”, o corpo do criminoso era atado a uma roda menor, com as pernas e os braços para trás, cabeça para o céu, permanecendo suspenso por um poste para expurgar seus pecados até a morte⁵².

Um fato que aproxima esse castigo das vivências de Hesse e do título de seu romance é a representação do suplício da roda, pelo famoso “*Gerädertes*”⁵³, na igreja evangélica *Stiftskirche* de Tübingen, um dos principais redutos luteranos, numa região de forte influência pietista, na Alemanha. Com a referência a essa forte imagem, *Unterm Rad* associa a passagem da vida de Hans Giebenrath ao calvário dos penitentes e se sustenta através do texto pelas escolhas lexicais de Hesse, principalmente na voz do narrador, ao descrever o resultado do processo

⁵⁰ De acordo com a Encyclopedia e Diccionario Internacional Jackson (Rio de Janeiro: Schwarzwasser, Vol. XVII, p.9912, s/data)

⁵¹ Disponível em <http://einestages.spiegel.de/static/topicalbumbackground/1148/toedliche_sinneslust.html>

⁵² Disponível em: <http://einestages.spiegel.de/static/entry/toedliche_sinneslust/6465/tod_durch_raedern.html?o=position-ASCENDING&s=0&r=24&a=1148&of=4&c=1>

⁵³ Disponível em <<http://www.stiftskirche-tuebingen.de/vfgalerie/10.html>>

educativo na (de)formação do jovem, a ser dominado e fatalmente destruído (respectivamente, no segundo e no quinto capítulos).

Snell-Hornby (1995) discute a metáfora como problema de tradução em sua abordagem, observando os fenômenos de dimensão e perspectiva, ou seja, os aspectos internos da língua e a relação do texto com os fatores externos, sociais e culturais, sem dicotomias. O significado da metáfora é específico de cada cultura e seu idioma, porque sua construção se dá através de conceitos e símbolos de modo diverso e particular. Segundo Snell-Hornby, preservar a metáfora ou transpô-la literalmente, entre outras regras abstratas, não soluciona o problema tradutório. Em vez de apenas generalizar as particularidades dentro desse espectro entre a originalidade e a lexicalização da metáfora, o tradutor precisa decifrar sua estrutura e função em um texto.

Snell-Hornby (1995, p.56) considera metáfora como texto, em que o sentido se constrói pelo impacto das “palavras” como imagem descrita, refletindo a tensão entre semelhança e disparidade, criando uma nova verdade que pede a “suspensão do descrédito” e a “fusão da percepção com a imaginação”⁵⁴.

Snell-Hornby trata da polarização entre as metáforas “individual” e “morta”, pois as considera comuns às várias categorizações existentes sobre o fenômeno. A primeira tem origem, principalmente, nos grandes autores e, por seu uso, acaba se tornando familiar, entrando para o patrimônio linguístico-cultural. Sua lexicalização é gradual pela perda de sua conotação primária, o que a torna “morta”. A situação da metáfora varia conforme o desenvolvimento cultural, dependendo das associações semânticas e das experiências culturais por ela ativadas.

Analisando o título dentro dessa perspectiva, a proposta de Cabral soa original, recontextualizando uma metáfora já conhecida pelo seu leitor, estendendo seu significado ao apoiar-se no impacto da ideia a qual as palavras se referem, recorrendo a mesma imagem e às associações sugeridas por Hesse.

É interessante notar que na época em que a maioria das traduções surgiu, a tendência tradutória era de traduzir literalmente as metáforas e jogos de palavras, de acordo com o comentário de Snell-

⁵⁴ O trecho completo diz “A metaphor is then a complex of at least three dimensions, reflecting the tension between resemblance and disparity, whereby, as Newmark aptly puts it, a new truth is created that requires a ‘suspension of disbelief, a fusion of perception and imagination’ (SNELL-HORNBY, 1995, P. 56)”

Hornby sobre a recomendação de Reiß (1986), que consideraria a intraduzibilidade desse tipo de texto.

Na maioria dos títulos traduzidos, pode se observar essa escolha de manter a forma “literal” do original. Essa escolha tradutória talvez se deva a preferências da editora detentora dos direitos de Hesse. Mas a referência ao suplício da roda como principal motivação para o título também pode justificar tal opção.

As exceções quanto à tradução literal do título estão no projeto britânico *The Prodigy* (1951), que, tudo indica, influenciou o segundo título brasileiro *Menino Prodígio* (1983); no francês, *L’Ornière* (1957); e no português europeu, *Hans* (1998). Todos os três apagam as associações com o suplício da roda, e só o título francês parece remeter a ideia de fracasso pela imagem da “sarjeta”, que também faz sentido em português.

Vahlbusch (2009) sustenta que as interpretações comuns em torno do significado do título, ora ressaltam as críticas do narrador às instituições formadoras que destroem o jovem, ora remetem à simbologia mística budista atribuída à roda.

A contribuição de Vahlbusch (2009, p.39) levanta a possibilidade de inspiração no fracasso do irmão suicida de Hesse para a composição do protagonista e do nome do romance. Numa carta a um velho amigo, Hesse relata que seu irmão Hans teria vivido “*unterm Rad*”, o que para Vahlbusch reafirma o significado, a variação e o uso da expressão idiomática “*unter die Räder kommen*” para falar da existência em um mundo decadente:

Para Hesse, aqui, estar ‘debaixo da roda’ significa claramente estar vivo – não morto, sendo torturado ou assassinado ou ameaçado por ambos – mas vivendo como um fraco (e quase miserável). [...] podendo significar ainda viver a vida que se pode depois de passar por uma ruína econômica, psicológica ou moral (VAHLBUSCH, 2009, P.39)⁵⁵.

⁵⁵ “For Hesse, here, to be ‘beneath the wheel’ is clearly to be living – not dead, not being tortured or killed or threatened with either – but living in a weakened (and like miserable) state. [...] (It) must therefore mean living what life one can after such economic, moral, or psychological ‘ruination’ has taken place.” (VAHLBUSCH, 2009, P.39)

Pela estratégia aplicada por Cabral, o título “Debaixo das Rodas” pode despertar no leitor brasileiro tanto a ideia de fracasso como de sofrimento do protagonista, o que demonstra a conjugação de duas interpretações possíveis e recorrentes, não forçosamente excludentes, através do texto em si e também da crítica literária sobre o romance. Não há como ignorar a força imagética da roda na construção desse texto, o que não significa extrapolar o seu significado experiencial e cultural ao místico e esotérico, tantas vezes incorporado equivocadamente às obras de Hesse.

5.2 ACRÉSCIMOS AOS DIÁLOGOS E TRECHOS NARRATIVOS

Segue uma seleção de passagens do romance escolar, em sua revisão de 1951, contrapostos ao trecho correspondente da tradução de Cabral, na ordem cronológica do enredo. Trata-se, em sua maioria, de diálogos, mas também trechos dos comentários do narrador, baseados na discussão por Vahlbusch (2009) ao abordar a característica “tendenciosa” de *Unterm Rad* apresentada na abertura deste trabalho – a “tendenciosidade” se referiria ao discurso do narrador, poupando o protagonista da responsabilidade frente a suas escolhas e à crítica infundada ao pai e aos professores de destruir a criança que se propunham a criar.

As partes sublinhadas no texto fonte indicam que houve uma intervenção nesse trecho da tradução, enquanto o realce em itálico no texto alvo indica acréscimos e alterações pelo tradutor, comentados por mim.

O narrador descreve as sensações, lembranças e divagações do protagonista sobre seus meses de estudo, exteriorizando o desejo do menino. No dia anterior ao exame de admissão no seminário, Hans toma uma folga e divaga, mais uma vez, como já havia se tornado corriqueiro nos últimos tempos. No texto alvo, a ambição é permeada de temor:

<p>Auch sonst war es ihm in letzter Zeit oft so gegangen, daß er seine Gedanken untereinander brachte und auch in der Schule statt an die vor ihm liegende Arbeit stets an die vorhergegangene oder an eine spätere dachte. Das Examen konnte</p>	<p>Isso era coisa que vinha acontecendo amiúde nos últimos tempos: quer na escola, quer durante as horas de estudo caseiro, em vez de concentrar-se no trabalho que estava fazendo, dava consigo embebido em outros</p>
---	---

<p>ja gut werden!</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p.14</p>	<p>pensamentos, ora relembrando coisas passadas, ora tentando augurar o futuro. “O exame vai ser lindo! <i>A idéia de um possível fracasso o fez estremecer.</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p.10</p>
--	--

Na versão brasileira, o narrador descreve Hans mais ansioso nesse trecho. O provável fracasso destinado a Hans parece ser introduzido ao público brasileiro, enquanto que no texto fonte, percebe-se sua ambição que o leva às atitudes arrogantes que se seguem na conversa com seu velho amigo sapateiro.

Hans reflete sobre os conselhos “ingênuos” do sapateiro Flaig. No texto alvo, há um acréscimo que pode explicitar a diferença de status entre Hans e o artesão, demonstrando o menosprezo do jovem pelo trabalho manual e realçando seu perfil arrogante. Todavia, também se fala de exigências, retomando o mote das impertinências da vida acadêmica.

<p>Was hatte er doch gesagt? Auf's Latein käme es nicht so sehr an, wenn man nur das Herz auf'm rechten Fleck habe und Gott fürchte. Der hatte gut reden.</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p.15</p>	<p>O que tinha dito Flaig? Ah, que não pensasse no latim, que o importante era ter o coração no lugar certo e temer a Deus sobre todas as coisas. Pois sim, para ele era fácil falar do jeito que quisesse. <i>Nada mais exigiam dele senão um par de botas bem acabado, confortável e que não machucasse os calos.</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p.11</p>
--	---

Os pensamentos presunçosos de Hans são explicitados uma primeira vez pelo narrador; o que não passava de mera observação no texto fonte, torna-se fato no texto alvo, corroborando a interpretação de Vahlbusch (2009) sobre a caracterização do protagonista como ambicioso e arrogante. Porém, essa suposta reflexão arrogante de Hans também pode ser uma queixa à dura vida de estudos, como se essa não fosse uma escolha sua, mas uma imposição externa.

Logo adiante, a submissão de Hans é exacerbada no texto alvo, com a voz da tia tagarela acompanhando o sobrinho obediente do interior em seu grande passeio pela capital antes da prova para ingresso no seminário.

<p>[...] An der nächsten Ecke bestieg man die Pferdebahn, und nun ging es unter beständigem Geklingel im überfüllten Wagen durch Straßen und wieder Straßen, bis man endlich eine große Allee und Gartenanlage erreichte. Dort lief ein Springbrunnen, blühten umzäunte Zierbeete und schwammen Goldfische in einem kleinen künstlichen Weiher.[...]</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p. 20</p>	<p>[...] Chegados à esquina, subiram num bonde. Começou, então, dentro da carruagem superlotada, que avançava aos solavancos, a longa peregrinação por ruas e mais ruas, até chegarem a uma grande alameda.</p> <p>- <i>Vamos dar uma volta pelo parque – disse a tia, saltando do bonde.</i></p> <p><i>Hans imitou-a, aliviado, a cabeça ainda confusa de tanto empurrão no incômodo bonde, de tanto tilintar campainha e tanto sacolejar.</i></p> <p>No parque floriam canteiros e havia uma cascatinha artificial que corria para um tanque onde nadavam peixinhos dourados.</p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 16</p>
--	--

A “tagarelice” da tia, apenas comentada na sequência seguinte, parece real com a cena, mas distrai a confusão que a atmosfera citadina como um todo provoca em Hans, pois mesmo a tranquilidade aparente do parque o inquieta, como se percebe ao longo do passeio. O realce ao jeito desajeitado de Hans tomando a tia como modelo, destaca também seu lado infantil, o que serve à interpretação mais recorrente que é dada ao personagem.

Os diálogos com o pai: na casa da tia, na capital, depois de uma prova difícil, o pai quer detalhes de como o filho se saiu na prova:

<p>[...] Nach dem Essen nahm er den Buben mit ins Nebenzimmer und suchte ihn nochmals <u>auszufragen</u>.</p>	<p>[...] Depois do almoço, levou o filho para um quarto e perguntou, em tom desabrido:</p>
---	--

<p>>>Schlecht ist's gegangen<<, sagte Hans.</p> <p>>>Warum hast du nicht aufgepasst? Man kann sich doch auch zusammennehmen, zum Teufel!<<</p> <p><u>Hans schwieg, und als der Vater anfang zu schimpfen, wurde er rot und sagte:</u></p> <p>>>Du verstehst doch nichts vom Griechischen!<<“</p> <p>Das schlimmste war, daß er <u>um zwei Uhr</u> ins Mündliche mußte. Davor graute ihm am meisten.[...]</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p.24-25</p>	<p><i>-Então, vais dizer ou não como correu hoje a prova?</i></p> <p>-Mal-respondeu Hans.</p> <p>-E por que não prestaste mais atenção? <i>Tenho certeza absoluta de que sabias o que te perguntaram! Ou não sabias, eh?</i></p> <p>Caramba, um homem tem de se controlar!</p> <p><i>-Pai, a prova foi difícil, garanto...</i></p> <p><i>O Sr. Giebenrath estava vermelho de raiva e quando começou a querer briga, Hans empalideceu e retorquiu, secamente:</i></p> <p>-Pai, o senhor não entende nada de grego.</p> <p><i>E saiu do quarto, tremendo como vara verde. O pior era que daí a duas horas teria de enfrentar a prova oral. Isso o apavorava ainda mais [...]</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 20-21</p>
--	--

O inquérito do pai destaca a cobrança e a expectativa em relação a Hans, que por sua vez, no texto alvo, teme a reação do pai e busca se justificar. Enquanto que no texto fonte, o filho reage e chama a atenção do pai; sua atenção está concentrada nos exames. Essa passagem enaltece o autoritarismo e a insensibilidade do pai de Hans, retomando a imagem do patriarca, que guarda os valores tradicionais. Aproxima-se o texto de Hesse da cultura brasileira.

A ama, uma das poucas vozes femininas do romance, discreta no texto fonte, fala no lugar da mãe falecida, acrescentando sutilmente o exemplo religioso a ser observado por Hans. De volta pra casa, Hans interage e conversa com a ama, que se interessa por sua estadia na capital. No texto alvo, o diálogo se estende e o fato explicitado é a rebeldia do adolescente a ser contida pela figura materna da velha Anna:

<p>>>Ist's schön gewest in Stuttgart?<< fragte die alte Anna. >>Schön? Ja meinst du denn, ein Examen sei was Schönes? Ich bin bloß froh, daß ich wieder da bin. Der Vater kommt erst morgen.<<</p> <p><i>Unterm Rad, p. 26</i></p>	<p>- E Stuttgart? <i>Está bonita?</i> – perguntou a velha Anna. - <i>Bonita? Pois tu achas que pode ser bonita uma terra onde se tem de fazer um maldito exame?</i> - <i>Não blasfeme menino! Que bicho lhe mordeu?</i> - <i>Está bem. O que eu te digo é que ainda me parece mentira estar outra vez em casa.</i>” - <i>E o que é feito do senhor teu pai?</i> - <i>Ele volta amanhã.</i>”</p> <p><i>Debaixo das Rodas, pág. 23</i></p>
--	--

Em casa, já de volta da prova de admissão para o seminário, o pai quer fazer um agrado ao filho por sua entrada no seminário; no texto alvo, Hans ganha não só a permissão para pescar como todo o equipamento para seu esporte preferido.

<p>>>Wenn du bestanden hast, darfst du dir etwas wünschen<<, sagte er gutgelaunt. >>Überleg dir's!<< >>Nein, nein<< seufzte der Knabe, >>ich bin sicher durchgefallen.<< >>Dummes Zeug, was wirst du auch! Wünsch dir lieber was, eh's mich reut.<< >>Angeln möcht ich in den Ferien wieder. Darf ich?<< >>Gut, du darfst, wenn's Examen bestanden ist.<<</p> <p><i>Unterm Rad, p. 28</i></p>	<p>- Bom, se foste aprovado, podes fazer um pedido- disse ele, de bom humor. – Vai pensando no que queres. - Mas eu tenho a certeza de que fui reprovado.” - Bobagem, rapaz! Tenho a certeza de que não aconteceu nada disso. Faz o pedido antes que eu me arrependa. - Eu... queria pescar outra vez nas férias. Posso? - Claro que podes. <i>Que tem isso de mais?</i> -<i>Mas é que...</i> - <i>Cana, carretel, linha... tudo de novo, é isso? Bom, podes contar</i></p>
---	---

	<p><i>com um equipamento completo se passares no exame.</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas, p.25</i></p>
--	---

A recompensa seria o fim da proibição da pescaria, mas no texto alvo, o filho parece cerimonioso com o pai provedor, que lhe promete também presentes de ordem material. Parece ser uma forma de aproximar o valor da recompensa na cultura brasileira, a dependência material do filho, que dá a autoridade ao pai.

Sabendo o resultado do exame, Hans encontra o pai na porta da rua e lhe conta que foi dispensado da escola por ter passado na prova e pode entrar para o seminário. Como futuro seminarista, Hans começa a se afastar do pai e este também perde um pouco de sua autoridade sobre o filho, o que começa ser realçado, nesse ponto, pela tradução. Mas, na versão brasileira, o pai ainda controla o filho ao suspeitar de seu mau comportamento e parece mais orgulhoso que surpreendido com seu sucesso. As fraquezas paternas são destacadas deste modo:

<p>>>Was gibt´s?<< fragte er <u>leichthin</u>. >>Nicht viel. Man hat mich aus der Schule entlassen.<< >>Was? Warum denn?<< >>Weil ich jetzt Seminarist bin.<< >>Ja, sackerlot, hast du denn bestanden?<< Hans nickte. >><u>Gut</u>?<< >>Ich bin der Zweite geworden.<< [...] >><u>Donnerwetter!</u><< rief er schließlich, Und noch einmal: >><u>Donnerwetter!</u><<</p> <p><i>Unterm Rad, p.31</i></p>	<p>- O que é que houve?- perguntou <i>desconfiado</i>. – <i>Por que saíste mais cedo da escola?</i> - Hum, nada de especial. Me dispensaram. - O quê? Mas por quê? - Porque agora sou seminarista <i>maior!</i> - Mas... puxa! Então passaste? Hans acenou que sim. -<i>E que mais? Sabes mais alguma coisa?</i> -Fiquei classificado em segundo lugar. [...] - <i>Viva!</i> Gritou ele , por fim – <i>Viva!</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas, p. 27</i></p>
---	--

Já nas férias, durante um almoço, as credences populares tornam-se “caprichos” paternos no texto alvo.

<p>[...] Es war so warm. Und es war schade, daß <u>man</u> nicht gleich nach dem Essen ins Bad durfte. Warum eigentlich? Es sei schädlich! <u>Hat sich was mit schädlich; Hans wußte das besser, er war trotz des Verbots oft genug gegangen. Aber jetzt nimmer, er war für Unarten doch schon erwachsen. Herr Gott, im Examen hatte man „Sie“ zu ihm gesagt.</u></p> <p><i>Unterm Rad, p. 37</i></p>	<p>[...] Estava tanto calor <i>que nem apetecia abrir a boca mais do que o estritamente necessário.</i> Era uma pena que <i>o pai</i> não o deixasse tomar banho logo depois da comida. <i>Sempre gostaria de saber por quê. Seria prejudicial?</i> Bobagem, essa história que fazia mal. Hans sabia melhor <i>do que o pai!</i> Quantas vezes, apesar da proibição, <i>ele se esgueirava, furtivamente, até ao rio e dera um belo mergulho, depois do almoço!</i> Mas agora não faria mais <i>dessas travessuras.</i> Santo Deus, no exame até o haviam tratado de senhor!</p> <p><i>Debaixo das Rodas, p. 34</i></p>
---	--

Nessa passagem, a ignorância do pai e a esperteza do filho se contrapõem no texto alvo, destacando o amadurecimento intelectual do menino. Em seguida, a presença e o orgulho do pai são explicitados mais uma vez na tradução, quando do reconhecimento pelos feitos de Hans. Outro detalhe é que a notícia oficial, no jornal da região, torna-se coluna social, conforme o costume da imprensa brasileira provinciana.

<p>Beim Abendessen erfuhr er, es sei eine Menge von Bekannten zum Gratulieren dagewesen. Und man zeigte ihm das heutige Wochenblatt, da stand unter dem „Amtlichen“ eine Notiz: >> An die Aufnahmeprüfung zum niederen theologischen Seminar hat unsre Stadt diesmal nur einen Kandidaten, Hans Giebenrath, geschickt. Zu unsrer Freude</p>	<p>Durante o jantar, soube que muitos conhecidos seus tinham aparecido para felicitá-lo. <i>E o pai</i> mostrou-lhe, <i>sorridente</i>, o número desse dia do jornal da terra, onde se lia, na seção de “<i>Notícias Pessoais</i>”, o seguinte: Para o exame de admissão ao Seminário teológico, a nossa cidade enviou este ano um único candidato, <i>o Sr.</i> Hans Giebenrath.</p>
---	---

<p>erfahren wir soeben, daß derselbe die Prüfung als Zweiter bestanden hat.<< Er faltete das Blatt zusammen, steckte es in die Tasche und sagte nichts, war aber zum Zerspringen voll von Stolz und Jubel. Nachher ging er wieder zum Fischen. [...]</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p. 39</p>	<p>Para nosso júbilo, fomos informados de que o nosso jovem <i>mais brilhante concidadão</i> obteve <i>um honroso segundo lugar entre mais de uma centena de candidatos. As nossas felicitações.</i> Hans dobrou cuidadosamente a folha, enfiou-a no bolso e nada comentou, mas por pouco não estourava de alegria e orgulho. Depois, foi pescar de novo. [...]</p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 36</p>
---	--

O pastor recebe a visita de Hans e lhe esclarece sobre seus novos afazeres no seminário. No texto alvo, o orgulho do menino é contido e a veneração ao conhecimento ressaltada e temida de sua parte. O pastor enfatiza, também na tradução, a objetividade do estudo, criticando qualquer postura romantizada sobre essa nova fase.

<p>Hans hörte aufmerksam zu und fühlte sich mit Stolz der wahren Wissenschaft genährt. >><u>Die schulmäßige Einführung in diese neue Welt</u><< fuhr der Stadtpfarrer fort, >> nimmt ihr natürlich manches von ihrem Zauber. Auch wird dich im Seminar zunächst das Hebräische vielleicht zu einseitig in Anspruch nehmen. [...]<<</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p. 42</p>	<p>Hans escutava atentamente e era com um <i>segredo</i> orgulho que sentia <i>serem-lhe franqueados, desde agora</i>, os domínios da verdadeira ciência, de cujo limiar se aproximava <i>a grandes passos</i>. - <i>O método de estudo que irás conhecer</i>- prosseguia o sacerdote – tira, naturalmente muito do encanto a que estavas habituado. <i>Terás de reformular tuas idéias, perder um pouco do lirismo romântico das velhas convicções e encarar o mundo sob o prisma, digamos, realista.</i> Ah, e começarás estudando hebraico, talvez de um modo excessivamente unilateral. <i>É essa uma matéria que está clamando por revisão urgente.</i> <i>Hans estava literalmente</i></p>
---	--

	<p><i>esmagado. Não só lhe desvendavam perspectivas insuspeitadas de estudo mas via-se desde já envolvido numa posição crítica, via-se obrigado à controvérsia e, possivelmente, a ter que tomar partido. A idéia confundia-o, quase o assustava.</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas, p. 39</i></p>
--	--

Mais tarde, depois que os estudos das férias haviam começado e antes de uma visita aos Giebenrath, os pensamentos do diretor da escola sobre a educação são apresentados pelo narrador. No texto alvo, Hans parece ter sido “domesticado” em sua preparação para o seminário.

<p>Wie schön hatte sich der kleine Giebenrath entwickelt! Das Strolchen und Spielen hatte er <u>fast von selber abgelegt</u>, das dumme Lachen in den Lektionen kam bei ihm längst nimmer vor, auch die Gärtnerei, das Kaninchen halten und das leidige Angel <u>hatte er sich abgewöhnen lassen.</u></p> <p><i>Unterm Rad, p. 48</i></p>	<p>Que evolução, a do pequeno Giebenrath! A vadiagem, <i>as faltas à escola</i>, abandonara ele de modo próprio, <i>quase sem admoestações do pai e dos professores</i>; as risadinhas tolas nas aulas tinham sumido de sua boca <i>depois do primeiro castigo</i>; a criação de coelhos e as enfadonhas pescarias, <i>que lhe roubavam horas e horas aos deveres de casa, deixaram que ele aos poucos se desacostumasse e perdesse o gosto a esses fúteis passatempos</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas, p. 45-46</i></p>
---	--

Nessas passagens sobre os educadores e o papel da escola, o sucesso de Hans, no texto alvo, parece se dever às duras práticas e regras institucionais e civilizadoras, que quebrantaram sua rebeldia e seu lado infantil. Desse modo, essas alterações retomam o tom crítico inicial à escola, amenizado pelo próprio autor em edições posteriores da obra.

Na chegada ao internato, Hans está com o pai, observando seus colegas acompanhados das mães a lhes fazerem as recomendações antes

da despedida. Uma voz de mãe é acrescentada pelo tradutor e parece reforçar a postura materna de mimar seu filho. Essa colocação no texto alvo reforça a sensação de abandono de Hans.

<p>>>Die neuen Hemden musst du besonders schonen, sie haben drei Mark fünfzig gekostet.<< >> Die Wäsche schickst du <u>alle vier Wochen</u> per Bahn – wenn´s eilig ist, per Post. Der schwarze Hut ist nur für sonntags.<< [...] >>Wenn du Heimweh hast<<, hieß es anderswo, >> dann schreib mir nur immer. ´s ist ja nicht so schrecklich bis Weihnachten.<< <i>Unterm Rad, p. 56</i></p>	<p>-Cuida bem das camisas novas, olha que elas custaram três marcos e meio. - Manda as roupas sujas de trem, <i>de quinze em quinze dias</i>. Se for muito urgente, manda pelo correio. O chapéu preto é só para usar aos domingos, <i>não te esqueças</i>. - <i>E vê se consegues manter o armário arrumado. Aqui não vais ter a tua mãe para por em ordem o que deixavas desalinhado”</i> [...] - Se sentires saudades e tiveres tempo, vai escrevendo – ouvia-se em outro lugar – O Natal não tardará muito a chegar.“ <i>Debaixo das Rodas, pág. 56</i></p>
---	--

Hans e o pai estão se despedindo no seminário. Essa passagem serve de exemplo de como o tradutor maneja o diálogo lacônico do texto fonte, aproximando o leitor brasileiro de seu modelo canônico celebrado por grandes autores brasileiros do séc. XX, como o escritor Jorge Amado.

<p>Er überlegte lang und schlich gequält neben dem stummen Knaben einher, dann legte er plötzlich los und förderte eine kleine Blütenlese von weihenvollen Redensarten zutage, die Hans verwundert und still entgegennahm, bis er <u>einen daneben stehenden Pfarrer über</u></p>	<p>Pensou demoradamente no que deveria dizer e, durante algum tempo caminhou silenciosamente ao lado do filho, procurando angustiadamente algumas frases de nobre timbre. De súbito, começou despejando uma seleção de frases solenes, que Hans escutou surpreendido, <i>até seus olhos</i></p>
---	---

<p><u>die väterliche Rede belustigt lächeln sah; da schämte er sich und zog den Redner beiseite.</u></p> <p>>>Also, nicht wahr, du wirst deiner Familie Ehre machen? Und deinen Vorgesetzten folgsam sein?<<</p> <p>>>Ja natürlich, sagte Hans<< Der Vater schwieg und atmete erleichtert auf.</p> <p><i>Unterm Rad, p.57-58</i></p>	<p><i>encontrarem os de um pastor que estava ao lado deles e escutava divertido o palavreado do velho Giebenrath.</i></p> <p>- Então, prometes que serás a honra da tua família, não é verdade? – dizia o pai.</p> <p>- Naturalmente que sim – respondeu Hans, <i>muito corado e puxando o pai para longe.</i></p> <p>- <i>E que respeitarás e obedecerás a teus superiores?</i></p> <p>- <i>Claro, pai, claro que sim.</i></p> <p>- <i>Muito bem, Hans.</i></p> <p>Calou-se e suspirou aliviado.</p> <p><i>Debaixo das Rodas, p. 57</i></p>
--	--

Iniciado o seminário, Hans faz contato com o colega de quarto Heilner: no texto alvo, o colega parece mais amistoso e Hans mais desenvolto que no texto fonte.

<p>>>Grüß Gott, Heilner! Was treibst du?<<</p> <p>>>Homer lesen. Und du, <u>Giebenrätchen</u>?<<</p> <p>[...].</p> <p>>>Hier ist´s trist<<, sagte Hans.</p> <p>>><u>Ja, ja</u><<</p> <p>[...]</p> <p>>>Was für schöne Wolken!<< sagte Hans, behaglich schauend.</p> <p>>>Ja, <u>Giebenrätchen</u><<, seufzte Heilner, >><u>wenn man doch so eine Wolke wäre!</u><<</p> <p><i>Unterm Rad, p. 69</i></p>	<p>-Olá, Heilner! Que fazes por aqui?</p> <p>-Lendo Homero. E tu?</p> <p>[...]</p> <p>- Isto aqui é triste – disse Hans.</p> <p>- <i>Mas é bonito. E as coisas, quando são belas, são sempre menos tristes que as feias.</i></p> <p>-<i>Creio que tens razão.</i></p> <p>[...]</p> <p>- Que belas nuvens!- exclamou Hans, com prazer- <i>Parecem ilhas!</i></p> <p>-Ah, se pudéssemos estar numa dessas nuvens!</p> <p><i>Debaixo das Rodas, p.68-69</i></p>
--	--

Essa apresentação do colega seminarista na tradução coincide com as colocações de Vahlbusch (2009), de que a crítica vê em Heilner o amigo, o pequeno e rebelde Hesse, em vez de um pequeno “carrasco” de Hans⁵⁶.

O narrador, que prefere criticar apenas os educadores, descrevendo a amizade que se desenrolou entre os dois meninos aos olhos dos outros: no texto alvo, essa amizade parece mais simbiótica e cheia de cumplicidade. Mas o traço cultural do comportamento estereotipado do brasileiro ser superficial em suas amizades também é traduzido.

<p>Für das ungleichste (Paar) galten Hermann Heilner und Hans Giebenrath, der Leichtsinnige und der Gewissenhafte, der Dichter und der Streber. Man zählte zwar beide zu den Gescheiten und Begabtesten, aber Heilner genoß den halbspöttisch gemeinten Ruf eines Genies, während der andere im Geruch des Musterknaben stand. Doch ließ man sie ziemlich ungeschoren, da <u>jeder von seiner eigenen</u> Freundschaft in Anspruch genommen war und gern für sich blieb.</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p. 75</p>	<p>O mais desigual de todos (os pares), na opinião dos outros estudantes, era o de Hermann Heilner e Hans Giebenrath, o leviano e o consciencioso, o poeta divagador e o “urso” aplicado. Os dois eram considerados dos mais inteligentes e talentosos mas Heilner era tido na conta, meio a sério, meio ironicamente, de um gênio, <i>imprevisível e caprichoso como todos os gênios</i>, ao passo que Hans era “o jovem exemplar”. Mas deixaram-nos relativamente em paz, pois <i>ambos estavam absorvidos em desenvolver sua recente amizade e gostavam de ficar a sós</i>.</p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 74-75</p>
--	--

⁵⁶ “Once Hermann Heilner is seen clearly as opponent, antagonist, villain – and there is much more, mostly negative, to see – the novel opens for new readings” (VAHLBUSCH, 2009, P.49).

Os dois amigos por si mesmos: no texto fonte, a descrição soa pessoal e poética. No texto alvo, parece ter havido o cuidado na escolha das palavras, na reconstrução dessa forma. A arrogância do colega é reforçada pela submissão de Hans no texto alvo.

<p>Die Freundschaft <u>der beiden</u> war ein sonderbares Verhältnis. Sie war für <u>Heilner</u> ein Vergnügen und Luxus, eine Bequemlichkeit oder auch eine Laune, für <u>Hans</u> aber war sie <u>bald ein mit Stolz gehüteter Schatz, bald eine große, schwer zu tragende Last.</u> [...] Schließlich zitterte Hans, so lieb der Freund ihm war, jeden Abend vor seinem Kommen und arbeitete in den obligatorischen Arbeitsstunden doppelt eifrig und eilig, um nichts zu versäumen. Noch peinlicher war es ihm, als Heilner auch <u>theoretisch</u> seine Fleiß zu bekämpfen anfang.</p> <p>>>Das ist Tagelöhnerie<<, hieß es, >>du tust all die Arbeit ja doch nicht gern und freiwillig, sondern lediglich aus Angst vor den Lehrern oder vor deinem Alten. <u>Was hast du davon, wenn du Erster oder Zweiter wirst?</u> Ich bin Zwanzigster und darum doch nicht dümmer als ihr Streber<<</p> <p><i>Unterm Rad, p.76-77</i></p>	<p>A amizade <i>entre Heilner e Hans</i> era uma estranha relação. <i>Para o primeiro</i> era uma questão de comodidade e capricho, <i>um modo de ter ouvinte garantido para suas divagações; para o outro</i> porém, era um tesouro que ele preservava com zelo e orgulho, apesar de envolver um pesado ônus.[...] Por fim, apesar de gostar muito de Heilner, Hans já tremia todas as noites, na expectativa <i>da intromissão inoportuna, o que o obrigava a redobrar de esforços para não se atrasar em nenhuma matéria e até estudar algumas coisas mais apressadamente do que seria seu desejo.</i> Mais embaraçoso ainda era que Heilner <i>não só lhe estragava as horas de trabalho noturno, mas ainda por cima, teimava em desencorajá-lo de seus esforços.</i></p> <p>-Isso, é perder tempo à toa - dizia Hermann. – Não sentes prazer algum no trabalho nem sabes ao certo se tens vontade de fazê-lo. <i>Tenho a suspeita de que dedicas assim ao estudo por medo aos teus professores e ao teu velho.</i></p> <p>-Não, Hermann, eu gosto de estudar...</p> <p>-Ora, eu também gosto! Mas isso nada tem a ver com a ambição de querer chegar em primeiro ou</p>
--	--

	<p>segundo <i>em tudo</i>. Eu estou lá atrás para vigésimo <i>ou coisa parecida</i> e nem por isso <i>me julgo</i> menos sabedor que tu! <i>Acho que em muita coisa te ganho, só que não tenho essa tua ambição doentia.</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas, p.76-77</i></p>
--	---

Heilner reage à covardia de Hans, que não ousa demonstrar estar do seu lado depois de uma célebre briga entre os colegas de quarto para não se prejudicar nos estudos. No texto alvo, desaparece a descrição sobre o semblante de Heilner, que explicita o desdém pelo colega. Com essa solução, Heilner também se comporta de modo ambíguo.

<p>Einen Augenblick blieb er neben Giebenrath stehen. <u>Er sah blaß und hochmütig aus</u> und sagte leise: >>Du bist ein gemeiner Feigling, Giebenrath – pfui Teufel!<< Und damit ging er weg, halblaut pfeifend und die Hände in den Hosensäcken.</p> <p><i>Unterm Rad, p. 81</i></p>	<p>Num dado momento, passou rente a Giebenrath e, em voz baixa, disse: -És um miserável covarde, Hans Giebenrath! E afastou-se de mãos enfiadas nos bolsos, assobiando em surdina.</p> <p><i>Debaixo das Rodas, p. 81-82</i></p>
---	--

Na tradução, o castigo dado a Heilner pelo éforo é explicitado:

<p><i>Heilner passaria a dormir numa cela isolada e não poderia ausentar-se do convento durante alguns meses.</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas, p. 81</i></p>
--

O castigo é mais duro na tradução, porém o clima de Natal também é mais apaziguador:

<p>Heilner wurde wenig <u>beachtet</u>. Er ging still und trotzig mit aufrechtem Kopf und hochmütigem Gesicht umher,</p>	<p>A vigilância sobre Heilner afrouxou. Vagueava pelo convento, obstinadamente silencioso, sem trocar palavra com</p>
--	---

<p>sprach mit niemand und schrieb Verse <u>in sein Schreibheft</u>, das einen Umschlag von schwarzem Wachstuch hatte und die Aufschrift >>Lieder eines Mönches<< trug. [...] ...auch Heilner begann weniger verbissen und elend auszusehen... <i>Unterm Rad</i>, p. 82</p>	<p>quem quer que fosse, e <i>enchendo seus cadernos de novos</i> poemas. Um caderno mais grosso tinha sido forrado de oleado e levava na capa a seguinte inscrição em letras góticas: Lieder eines Mönches (Canção de um Monge) [...] O próprio Heilner parecia ter um semblante menos obstinado <i>e, de fato, o Natal significaria o fim de sua reclusão.</i> <i>Debaixo das Rodas</i>, p.82</p>
---	---

Hans, nas férias de Natal, de volta a sua gente e ao lar, onde a presença do pai é mais uma vez exacerbada no texto alvo, assim como o status e a autoridade da escola. O orgulho de Hans aparece destacado no texto alvo.

<p><u>Man</u> fand ihn schlecht aussehend, zu mager und zu blaß, und fragte ihn, ob denn im Kloster die Kost so schmal sei. Er verneinte eifrig und versicherte, es gehe ihm gut, nur habe er so oft Kopfweh. Hierüber tröstete ihn der Stadtpfarrer, der in jüngeren Jahren selber daran gelitten hatte, und somit war alles gut.</p>	<p><i>O pai e os amigos do pai</i> acharam-no magro e pálido, com uma aparência alarmantemente ruim. -Lá no instituto não lhes dão comida decente?- <i>perguntou o Sr.Giebenrath.</i> -Claro que dão!- protestou Hans, energicamente. – Estou passando muito bem <i>e não tenho o menor motivo de queixa até agora.</i> -Bom, ainda bem que assim é. Às vezes, esses senhores acham que alimentar o espírito é bastante. E agasalhos? Olha que o frio não está para graças! -Bem, frio há um pouco. Mas nada que seja insuportável. -Um friozinho razoável até que é saudável, enrija o corpo. E a</p>
--	--

<p>Der Fluß war blank gefroren und an den Feiertagen voll von Schlittschuhläufern. Hans war fast den ganzen Tag draußen, in einem neuen Anzug, die grüne Seminaristenmütze <u>auf dem Kopf, seinen ehemaligen Mitschülern weit in eine beneidete höhere Welt hinein entwachsen.</u></p> <p><i>Unterm Rad</i> p. 84</p>	<p><i>cabeça, tem doído?</i> <i>Hans respondeu ser isso a única coisa que o incomodava deveras. As dores de cabeça eram outra vez mais frequentes. Nesse ponto interveio o pároco para consolar o moço seminarista. Quando era jovem também sofrera desse achaque mas com o tempo acabara por passar.</i> <i>-É o ônus que temos de pagar pela concentração intelectual, meu filho- perorou o esclarecido pastor. -Já verás que daqui a um ano estás livre disso. É uma questão de hábito.</i> Com essas palavras tudo ficou devidamente resolvido e certo. O rio estava congelado e lustroso, cheio de patinadores nesses dias de feriado. Hans passava quase todo o dia fora, metido num terno novo, o boné verde do instituto <i>arrogantemente</i> enfiado na cabeça, <i>símbolo visível</i> de que deixara muito para trás os seus antigos colegas e ingressara, <i>vitorioso</i>, num mundo superior. Hans sabia-se invejado e <i>isso causava-lhe um secreto prazer.</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 85</p>
--	---

Vahlbusch (2009, p. 42) destaca em seu estudo como a ambição e a arrogância demonstradas por Hans e também narradas são relegadas ao segundo plano nas interpretações do romance. Em *Debaixo das Rodas*, a ambiguidade do comportamento do garoto se mantém, fazendo-o protagonista de seu próprio fracasso:

Sua ambição e demasiada diligência são meios de gratificar seus anseios por uma alta posição social e poder sobre seus colegas, a prova tangível e visível de que é diferente – melhor do que eles. Este não é o comportamento, nem esses são os sonhos e desejos de uma vítima inocente ou ‘violada’.⁵⁷

Na volta das férias, Hans e Heilner continuam afastados. Porém, a perda de um colega de quarto, confronta-os com a morte e a solidão. Hans procura Heilner e se retrata, mas precisa insistir e se render para que o amigo o perdoe. A amizade de Heilner é supervalorizada por Hans na tradução, mais sentimental e menos intelectual.

<p>>>Du mußt, Heilner! Ich will lieber Letzter werden, als <u>noch länger so um dich herumlaufen</u>. Wenn du willst, so sind wir wieder Freunde und zeigen den Anderen, <u>daß wir sie nicht brauchen</u>.<<</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p. 91</p>	<p>-Tens de ouvir-me, Heilner! Eu prefiro ser o último da classe a <i>continuar assim deste jeito contigo</i>. Se quiseres, seremos novamente amigos e mostraremos aos outros que <i>os nossos sentimentos estão acima de mal-entendidos passageiros</i>.</p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 94</p>
---	--

Todavia, com o pouco rendimento de Hans nos estudos e sua atitude de ignorar o pedido dos professores para afastar-se das más influências de Heilner, o par de amigos não é mais tolerado na instituição. Heilner é menos sarcástico e mais argumentativo na tradução. A autoridade escolar é mais tirana e também mais questionada na tradução. A cena soa maniqueísta.

<p>Der Ephorus hatte erfahren, <u>daß Heilner sich über sein Verbot lustig mache</u> und fast alle Tage den spazierengehenden Giebenrath</p>	<p>O éforo veio a saber que, contrariando sua proibição, Heilner acompanhava quase diariamente o Hans em seu</p>
--	--

⁵⁷ “His ambition and supererogatory diligence are the means to gratify his desires for high social position, power over his classmates, and the tangible and visible proof that he is different – better – than they. This is not the behavior, nor are these the dreams and desires, of an innocent or ‘violated’ victim.” (VAHLBUSCH, 2009, p.42)

<p>begleite. Diesmal ließ er Hans in Ruhe und zitierte nur den Hauptsünder, seinen alten Feind, auf sein Amtszimmer. Er duzte ihn, <u>was Heilner sich sogleich verbat.</u> Er hielt ihm seinen Ungehorsam vor. Heilner erklärte, er sei Giebenraths Freund und <u>niemand habe das Recht, ihnen den Verkehr miteinander zu verbieten.</u> Es setzte eine böse Szene, deren Resultat war, daß Heilner ein paar Stunden Arrest erhielt samt dem strengen Verbot, in nächster Zeit mit Giebenrath zusammen auszugehen.</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p. 107</p>	<p>passaio obrigatório. Desta vez, o austero magistrado acadêmico deixou o Hans em paz e convocou apenas ao seu gabinete o prevaricador e seu velho inimigo. Dirigiu-se a Heilner tratando-o por “tu”, <i>do que o rapaz prontamente reclamou, dizendo não ser esse o tratamento regulamentar e estranhando que fosse um éforo quem transgredia o preceituado. O homem engoliu em seco e chamou asperamente a atenção de Heilner para a sua desobediência.</i> Heilner replicou que era amigo de Giebenrath e ninguém tinha o direito <i>de intervir em suas relações pessoais.</i> Seguiu-se, é claro, uma cena tempestuosa e o resultado foi <i>o éforo decretar mais algumas semanas de castigo para Heilner e proibi-lo terminantemente de acompanhar Hans</i>, no futuro, em seus passeios higiênicos.</p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 110-111</p>
---	---

Heilner foge e Hans fica só, acusado de ser cúmplice da fuga, enquanto sofre de preocupação e mágoa. O narrador descreve os sentimentos do poeta rebelde. No texto alvo, o tom egoísta e voluntarioso de Heilner soa heróico, opondo-se à covardia de Hans.

<p>Wohin er schließlich käme, war ihm einerlei; wenigstens war er nun dem verhaßten Kloster entsprungen und hatte <u>dem Ephorus</u> gezeigt, daß sein Wille stärker war <u>als Befehle und Verbote.</u></p>	<p>Era-lhe indiferente até onde conseguiria chegar; bastava-lhe <i>a satisfação de ter fugido do detestado seminário e demonstrado a todos os éforos do mundo que a vontade dele, Hermann Heilner, era mais forte do que</i></p>
--	--

<i>Unterm Rad</i> , p. 108	<i>regulamentos, ordens, ameaças e proibições.</i> <i>Debaixo das Rodas</i> , p. 111-112
----------------------------	---

As expectativas e a frustração da família e da escola, em relação ao futuro de Hans, são exacerbadas pelo tradutor no célebre discurso do narrador contra as instituições formadoras de jovens.

<p>Alle diese ihrer Pflicht beflissenen <u>Lehrer</u> der Jugend, vom Ephorus bis auf den Papa Giebenrath, Professoren und Repetenten, sahen in Hans ein Hindernis ihrer Wünsche, <u>etwas Verstocktes und Träges</u>, das man zwingen und <u>mit Gewalt</u> auf gute Wege zurückbringen müsse.</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p.111</p>	<p>Todos esses conscienciosos <i>guias</i> da juventude e <i>programadores do futuro</i>, desde o éforo ao Pai Giebenrath, do catedrático ao repetidor, viam no Hans um <i>inesperado</i> obstáculo aos seus desejos pessoais <i>de oferecer à sociedade um novo fruto de seus esforços comuns, mais por questões de vaidade e prestígios próprios do que realmente pelo bem daquele. Tinham antegozado o dia que ouviram:</i></p> <p><i>-Ah, vê-se que saiu de Maulbronn!</i> <i>- Só Maulbronn dá talentos assim!</i> <i>-Aquele é o filho do velho Giebenrath... Um gênio!</i> <i>E Hans, com seu sorriso e sua letargia, frustrava-lhes as nobres ambições. Era preciso, a todo custo, trazê-lo de volta ao bom caminho.</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p.116</p>
---	--

Depois de abandonar o seminário e voltar a conviver com seus vizinhos, Hans encontra a sobrinha do sapateiro, por quem se apaixona à primeira vista. No texto alvo, os diálogos se desenvolvem a partir do discurso indireto do texto fonte. A parceira de Hans, também

adolescente, tem sua maturidade, a assertividade e a sensualidade enfatizadas no modo como sua fala e sua postura são traduzidas.

<p>Nun stand Emma gerade vor ihm, keinen halben Schritt entfernt, nur der niedrige Zaun dazwischen, und sie sah ihn aufmerksam und sonderbar an. Eine ganze Zeitlang sagte keines ein Wort. Dann fragte sie leise:</p> <p>>>Was willst du?<<</p> <p>>>Nichts<<, sagte er, und es fuhr ihm wie ein Streicheln über die Haut, daß sie ihm du gesagt hatte.</p> <p>Sie streckte ihm ihre Hand über den Zaun weg hin.</p> <p><i>Unterm Rad</i>, p. 141</p>	<p>Emma parou diante dele. Apenas a cerca baixa os separavam e ela olhava o rapaz com um olhar penetrante e inquisidor. Durante largo tempo não se ouviu uma palavra. Depois, Ema perguntou baixinho:</p> <p>- <i>Então, por que vieste aqui?</i></p> <p>- <i>Eu vinha passando... – tartamudeou Hans, desajeitadamente.</i></p> <p>- E por que paraste? Que queres?</p> <p>- Pois... nada...</p> <p>A maneira íntima e aveludada como Emma lhe falara, tratando-o por “tu”, acariciava-lhe o corpo e fazia-o perder a voz.</p> <p>- <i>Nada, Hans? Tens certeza?</i></p> <p>Emma estendeu sua mão sobre a cerca.</p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 147</p>
--	---

Há um trecho que o tradutor cria e explicita a inexperiência e inocência do adolescente e antigo candidato ao seminário com as meninas:

<p><i>Nunca tiveste uma pequena, pois não? – perguntou ela, rindo, e sem largar a mão de Hans.</i></p> <p>- <i>Eu...</i></p> <p>- <i>Cala-te, meu bobinho...</i></p> <p><i>Debaixo das Rodas</i>, p. 153</p>
--

Quando Hans já está desaparecido e o pai entende seu atraso por estripulia, tomando as providências para o iminente castigo, a ama

aparece na tradução para conter a ira paterna e falar à consciência do mau juiz.

A velha Ana assistia àqueles preparativos com aflição.

[...]

- Mas, patrão, talvez os colegas... – interveio a criada.

Debaixo das Rodas, p. 175

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tive oportunidade de mostrar como a “semente viva” de *Unterm Rad* vingou no Brasil dos anos 70 e “irradiou suas energias” através de *Debaixo das Rodas*, pelas mãos de Álvaro Cabral.

Na comparação entre *Debaixo das Rodas* e seu texto fonte, percebeu-se a reconstrução dos diálogos e trechos narrativos, além do acréscimo de vozes. Tomando a tradução como veículo imprescindível para a perpetuação de uma obra literária, o tradutor busca o leitor brasileiro através de elementos culturais correspondentes e não necessariamente similares. Por exemplo, em *Debaixo das Rodas* as mulheres ganham voz; a figura paterna e da instituição escolar soam mais ameaçadoras; o protagonista é mais submisso, medroso e mimado; seu melhor amigo sutilmente traiçoeiro, o seminário não é definido como luterano nem assumido como católico. Essa postura inovadora do ponto de vista dos ET gera naturalmente reações de leigos ou puristas, todavia é uma fonte de análise e discussões sobre as funções da tradução para estudantes e profissionais da área de tradução literária.

A tradução brasileira cria cenas sobre o enredo, enquanto que no original o tom é introspectivo, como se partilhassem as memórias sobre os fatos vivenciados pelo adolescente Hans Giebenrath. Devido a esse novo texto do tradutor, a exploração dos dados sobre *Debaixo das Rodas* não é tangível apenas pelos Estudos Linguísticos da Tradução, o que acabou me obrigando a aprofundar as questões extralinguísticas e sobre a recepção da obra com base na crítica literária. Em consequência da problemática encontrada, escolhi a Abordagem Integrada da Tradução de Snell-Hornby para tratar o objeto da pesquisa.

Seguindo a análise textual através da prototipologia de Snell-Hornby (1995, p. 33-34), os acréscimos e alterações no texto alvo são “recriações de dimensões linguísticas do texto fonte”. Sua investigação serve de exemplo de “a mudança de perspectiva no texto alvo”, aqui referente ao modo como a crítica e os estudos literários determinam a realidade extralinguística de uma obra artística do cânone, permeando a leitura pelo tradutor e sua reescritura.

Os trabalhos de Vahlbusch (2009), nos Estados Unidos, e Souza (2007), no Brasil, tratando a crítica literária existente em torno dos textos fonte e alvo, auxiliaram o enfoque da investigação sobre a questão da compreensão do tradutor na análise e reconstrução do texto.

O primeiro pertence à antologia norte-americana de Cornils (2009), retoma outra, da década de 70 por Anna Otten. Com referência a

Unterm Rad, o material fornece o panorama de sua recepção nos Estados Unidos repercutindo mundo afora, desde sua chegada aos Estados Unidos em 1968. A consulta a estudos acadêmicos sobre Hesse e sua obra, principalmente nos Estados Unidos, dá-se ao evento do autor ser muito lido e estudado naquele país, fornecendo dados mais recentes e abrangentes para esta pesquisa.

O trabalho de Souza (2007) forneceu material literário sobre a época da tradução de *Debaixo das Rodas*, permitindo verificar a posição da crítica literária internacional na tradução brasileira, apoiando algumas das observações de Vahlbusch sobre as interpretações e valores atribuídos a *Unterm Rad*.

As intervenções do tradutor parecem reforçar as interpretações sobre o valor autobiográfico da obra, assim como a crítica ácida ao sistema escolar tradicional, legitimado pela crítica literária na época dessa reescritura. As relações familiares ou institucionais, que se apresentam ambíguas no texto fonte, são explicitadas e tendenciosas, repetindo a crítica de um primeiro momento da obra.

No texto alvo, o posicionamento do narrador deixa de ser ambíguo – ora cúmplice, ora onipresente – e fatos, na verdade inexistentes, acabam por se realizar quando são construídos diálogos ou acrescentadas vozes a partir da narrativa do texto fonte. A crítica ao pai e aos professores, por destruir a criança que se propunham a criar, deixa de ser infundada quando são acrescidos e descritos castigos, comuns e aceitáveis em casa e na escola na primeira parte do séc. XX no Brasil, mas que não constam no texto fonte, nem em sua versão original de 1906.

A principal consequência desse acréscimo seria o enfraquecimento do argumento inicial da destruição de Hans acontecer por sua incapacidade em assumir corajosamente seu próprio destino. Em *Debaixo das Rodas*, o adolescente se apresenta submisso, todavia sua arrogância e ambição – os dois traços de seu caráter destacados por Vahlbusch (2009) – não são apagadas e claramente o levam à vítima da sociedade e suas instituições. A “tendenciosidade” do narrador em *Debaixo das Rodas* não poupa, portanto, o protagonista de sua responsabilidade por suas escolhas. A expectativa de que o texto alvo assimilasse o discurso da crítica literária não se preenche por completo.

De qualquer forma, mesmo modificado pelo autor, esse romance escolar continuou seu percurso como obra de protesto, e, como tal, foi traduzido e interpretado no Brasil da década de 70. O tom crítico da tradução brasileira se aproxima da primeira edição de 1906, embora

tenha como texto fonte a edição revisada por Hesse em 1951. *Debaixo das Rodas* revive o gênero do romance escolar – ou de escolares – que fulgurou nas primeiras décadas do século XX na Alemanha.

Do percurso de *Unterm Rad* para a configuração de *Debaixo das Rodas*, o tradutor tem o espírito contestador da obra contribuindo para sua leitura. Em sua reescritura, o tradutor-autor se apropria do cânone internacional e rediscute a problemática institucional e educacional dentro do contexto brasileiro, recuperando seu valor expressivo e ficcional sobre o mundo adolescente em nosso país. As pistas deixadas por *Unterm Rad* sobre sua situação e função, ativadas pelo leitor brasileiro, apontaram seu valor literário e inovador refletindo em *Debaixo das Rodas*, engrandecendo a história desse romance escolar centenário.

Os acréscimos e alterações destacados em *Debaixo das Rodas* observam um projeto tradutório funcionalista – o que se justificaria também por parte do tradutor devido a seu contato com a escola alemã de Heidelberg. A construção de diálogos se destaca entre as estratégias tradutórias utilizadas por Álvaro Cabral, explicitando as relações entre os personagens a fim de despertar a cumplicidade de seu leitor. A mudança de foco nos parâmetros culturais não se restringe ao léxico ou às explicações e ao linguajar dos personagens, estendendo-se a seu comportamento e hábitos. As relações interpessoais adquirem um colorido brasileiro com os novos diálogos entre os personagens, aproximando a realidade de Hans Giebenrath daquela do leitor nacional.

O projeto editorial intrigante, com sua capa e o título, reforçam a função crítica proposta pelo projeto tradutório, reforçando-o e explicitando-o, aproximando a versão brasileira da primeira publicação de *Unterm Rad* – de caráter mais denunciador. A chamada desse romance pode ter se inspirado nas perseguições políticas sofridas por jornalistas e intelectuais, na época em que o regime militar recrudescera contra a liberdade de expressão.

O texto de Cabral serve de exemplo para o aprofundamento que Reiß (2000) traz sobre os determinantes extralinguísticos do texto e os limites do projeto tradutório de sua crítica tradutória de 1971. A leitura do tradutor pode ser sua principal ferramenta quando ele se conscientiza de que sua subjetividade é inerente ao novo texto e necessária para que o original volte a viver em uma nova época e em outro lugar pela nova função que lhe atribuem. O tradutor também precisa enfrentar suas escolhas e mostrar sua cara caso queira reescrever o texto de modo transparente ou aparecer sutilmente ao leitor do texto alvo.

A temática adolescente e seu contexto mudaram: hoje, *Debaixo das Rodas* apresenta maior valor histórico e de estudo, como no caso desta pesquisa, necessitando restaurar sua função comunicativa. Este trabalho buscou levantar os aspectos relacionados à situação e função de *Unterm Rad* no período quando mais foi traduzido e servir de base para uma alternativa de sua situação e função atuais.

Pena, o jovem descrito por Bonassi é o leitor de hoje de *Debaixo das Rodas* e se reconhece na história atemporal dos treze anos de Hans Giebenrath, que poderia ser seu pai, ou seu avô. Há o encontro de gerações, mas também de culturas diversas; Hans poderia ser qualquer outro adolescente da Alemanha, do Japão ou dos Estados Unidos. O jovem, assumindo seu papel de vítima, torna-se algoz de si próprio, ele precisa vencer o turbilhão que é estar nessa “montanha russa”, escolher seu caminho e lutar por ele.

Ao tradutor literário que se apóie na reflexão deste trabalho, cabe a nova perspectiva reservada à *Unterm Rad*, no Brasil de 2010, através de sua leitura “intuitiva” e ao mesmo tempo consciente da legítima contribuição que pode dar a esse exemplar do cânone dentro do gênero romance escolar, especialmente às equipes editoriais responsáveis pelos projetos tradutórios, serve também à crítica sobre a falta de espaço para notas de tradução ou comentários que valorize a reescritura do tradutor literário e de todos que colaboraram com o renascimento da obra literária.

Analisando a situação para o milênio que se inicia nos Estudos da Tradução, Snell-Hornby (2006, p. 169) aponta o novo desafio à ciência tradutológica:

[su]a posição interdisciplinar
singularmente produtiva em relação
à pluralidade das línguas e
culturas do mundo de hoje, que
necessita mais que nunca de
diálogo internacional e intercultural.⁵⁸

Ainda segundo Snell-Hornby (2006, p. 175),

⁵⁸ “A uniquely fruitful position as an interdiscipline among the plurality of languages and cultures in the world of today with a greater need than ever for international and intercultural dialogue.” (SNELL-HORNBY, 2006, p. 169).

Tem enorme significado a observação (de André Lefevère em 1993) de que os Estudos da Tradução tendem a ignorar sua própria história.⁵⁹

A cada novo instante, redimensiona-se a participação do intercâmbio cultural na formação de mentes, povos e seus legados, e ainda mais com a entrada deste milênio. Todavia, não se devem ignorar os caminhos da história da tradução para reconhecer onde acrescentar seu ponto ao conto, legitimando a tradução como diálogo internacional e intercultural.

⁵⁹ “Of special significance is his (André Lefevère 1993) observation that work in Translation Studies tends to ignore its own history.” (SNELL-HORNBY, 2006, p. 175)

REFERÊNCIAS

APTER, E. Global Translation: The “Invention” of Comparative Literature, Istanbul, 1933. In: APTER, E. **The Translation Zone: A New Comparative Literature**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

BAKHTIN, M. O romance de educação e sua importância na história do Realismo. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONASSI, F. **Montanha-Russa**. Ilustrações de Jan Limpens. São Paulo: Cosac Naify/ Edições SESC-SP, 2008.

BRINK, C. A obra de Hesse no Brasil. In: SOUZA, J. P. F. **Um lobo nos trópicos: a recepção crítica de Hermann Hesse no Brasil (1935-2005)**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2007.

CORNILS, I. **A Companion to the Works of Hermann Hesse**. New York: Camden House, 2009.

DROSDOWSKI, G; SCHOLZE-STUBENRECHT, W. **Redewendungen und sprichwörtliche Redensarten: Wörterbuch der deutschen Idiomatik**. Band 11. Leipzig: Duden, 1992.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. In: **Polysystem Studies, Poetics Today**, 11(1), 1990.

FERNANDES, A. **A construção de um imaginário moderno: As capas da Editora “Civilização Brasileira” (1960/75)**. Artigo síntese de dissertação de mestrado, UFRJ, 2001. Disponível em < <http://www.amaury.pro.br/textos/ConstImagMod.pdf> >. Acesso em 14 outubro 2010.

GALLE, H. Deutsche Literatur und Nobelpreis. In: **Pandaemonium Germanicum**, 10, 2006. Disponível em < <http://www.flch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2006/Einleite>

nde_Bemerkungen_zum_Thema_des_Dossiers.pdf >. Acesso em 14 dezembro 2010.

GLÖCKNER, E.; LANGE, T. **Materialien:** Hermann Hesse “Unterm Rad“. Stuttgart: Ernst Klett, 1983.

HEIDERMAN, W. **Bild und Funktion der Schule im Schulroman (1900-1930). Dargestellt an ausgewählten Beispielen.** Hausarbeit im Rahmen der Ersten Staatsprüfung für das Lehramt für die Sekundarstufe II. Münster: Werner Heidermann, 1981.

HESSE, H. **Unterm Rad.** 1. Auflage. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.

_____. **Debaixo das Rodas.** 1. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

_____. **Hans.** 2. ed. Trad. Paulo Rêgo. Algés, Portugal: Difel, 2001.

_____. Begegnungen mit Verganem. In: GLÖCKNER, E.; LANGE, T. (orgs). **Materialien:** Hermann Hesse “Unterm Rad“. Stuttgart: Ernst Klett, 1983.

_____. **Lesebuch.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

KOESTER, R. Terminal Sanctity or Benign Banality: The Critical Controversy surrounding Hermann Hesse. **RMMLA Bulletin**, vol 27, n.2, 1973.

LEFEVÈRE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária.** Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

MAZZARI, M.V. Representações literárias da escola. **Estudos avançados [online]**, vol.11, n.31, 1997. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141997000300014&script=sci_arttext >. Acesso em 14 dezembro 2010.

MENEZES, F.L. **Hermann Hesse – o personagem que se faz autor.** Brasília: LGE Editora, 2007.

MICHELS, V. **Teils ausgelacht, teils den sentimentalen Leserkreisen überlassen** - Zur Hermann Hesse-Rezeption in Deutschland. Palestra em Calw (Hesse-Symposion) Julho, 2003. Disponível em <<http://www.gss.ucsb.edu/projects/hesse/papers/michels-calw-2003.pdf>>. Acesso em 30 novembro 2010.

MORETTI, F. Conjectures on World Literature. **New Left Review** 1, 2000.

NORD, C. **Loyalty Revisited: Bible Translation as a Case in Point. The Translator.** Volume 7, Number 2 (2001).

“O JOVEM Hesse”. In: Souza, J. P. F. **Um lobo nos trópicos** : a recepção crítica de Hermann Hesse no Brasil (1935-2005) - Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2007.

OLIVEIRA, Franklin. Aurora, dialética de Hesse. In: S. J. P. F. **Um lobo nos trópicos** : a recepção crítica de Hermann Hesse no Brasil (1935-2005). Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2007.

PAES, J.P. **Tradução- a ponte necessária:** aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.

PFEIFER, M. **Hermann Hesses weltweite Wirkung.** Internationale Rezeptionsgeschichte. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.

_____. **Hermann Hesse** - seine Bedeutung für Jugend und Schule. Palestra em Calw (1. Internationalen Hermann-Hesse-Kolloquium: „Hermann Hesse heute“) em 13 de maio de 1977. Disponível em < <http://www.hesse-kolloquium.de/index.php?idcside=34> >. Acesso em 30 novembro 2010.

PHILIPPI, K.P. **HE SSE und die heutige Germanistik in Deutschland** (Historisierung - Distanz - Kritik). Palestra em Calw (Hesse-Symposion) Julho, 2003. Disponível em: <<http://www.gss.ucsb.edu/projects/hesse/papers/philippi-calw-2003.pdf>>. Acesso 30 novembro 2010.

PROST, A. Fronteira e Histórias do Privado. In: PROST, A.; VINCENT, G. (orgs). **História da Vida Privada**, vol. V: Da Primeira Guerra aos nossos dias. Trad. Denise Bettmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

REISS, K. **Ähnlichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik** für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen. München: Max Hueber 1986. (1ª edição 1971)

_____. *Textverstehen aus der Sicht des Übersetzers*. In: SNELL-HORNBY, M.; KADRIC, M. (orgs.). **Grundfragen der Übersetzungswissenschaft. Wiener Vorlesungen**. Viena: WUV, 2000.

SALINGER, J.D. **O Apanhador no Campo de Centeio**. Trad. Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster. Rio de Janeiro, Editora do Autor, sem data.

SCHOPENHAUER, A. Sobre língua e palavras. In: HEIDERMAN, W. (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**: Antologia Bilingue/Alemão-Português. Trad. Ina Emmel. Florianópolis: NUPLITT, 2001.

SNELL-HORNBY, M. **The Turns of Translations Studies**. Benjamins Translations Library, 2006.

_____. **Translation Studies. An integrated approach**. Revised Edition 1988/1995. Benjamins Translations Library, 2006.

SOUZA, J. P. F. **Um lobo nos trópicos** : a recepção crítica de Hermann Hesse no Brasil (1935-2005). Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2007.

STOLZE, R. **Übersetzungstheorie: Eine Einführung**. 3. Auflage. Tübingen: Narr, 2001.

VAHLBUSCH, J. Novel Ideas; notes toward a new reading of Hesse's Unterm Rad. In: CORNILS, I. (org.) **A Companion to the Works of Hermann Hesse**. New York: Camden House, 2009.

VIEIRA, L.R. **Consagrados e Malditos**. Brasília: Thesaurus Editora, 1996.

VÖLPEL, C. Hermann Hesse und die deutsche Jugendbewegung. In: GLÖCKNER, E.; LANGE, T. (orgs). **Materialien: Hermann Hesse "Unterm Rad"**. Stuttgart: Ernst Klett, 1983.

ZELLER, B. **Hermann Hesse**. Hamburg: Ro Ro Ro, 2005.